

Quinto Capítulo

5

Ação Querigmática da Igreja e a Liberdade Cristã

Sociologicamente, a liberdade humana, nos tempos modernos, dá-se na medida em que a população mundial pratica uma migração para os grandes centros urbanos. O vetor da liberdade moderna passa, sem dúvida alguma, do campo tradicional para a vida nas grandes cidades, marca irrefutável da modernidade dos últimos 100 anos, pelo menos. Entretanto, precisamos entender que a modernidade prometeu a liberdade pela via da produção de bens materiais, onde “*a abundância levaria à liberdade*”,⁹²¹ mas, lamentavelmente, a fartura não foi capaz de trazer a tão esperada liberdade. Pelo contrário, fortaleceu e instigou ainda mais o desejo de uma pequena minoria que, pelo poder do monopólio das indústrias que produzem, reafirma a grande frustração da maioria. Na verdade, diz Comblin, “*a dominação não vem da escassez, e sim da má distribuição*”.⁹²² Ou seja, intuímos e concluímos que a liberdade, na modernidade, não chega pelo caminho da produção.

O caminho da verdadeira liberdade, proposta pelo Evangelho libertador, vivida e anunciada por Jesus Cristo, trata-se da busca do outro. Mais uma vez Jesus é o paradigma absoluto dessa via que ultrapassa todos os tempos e barreiras culturais, ideologias religiosas, interesses econômicos. Esta é a resposta do cristianismo. No caminho da autodoação, da entrega, do serviço ao outro, do assumir o lugar do homem excluído e em atitude de ruptura constante com Deus, é que Jesus chama e envia Seus discípulos a viverem e a proclamarem.

⁹²¹ COMBLIN, José. **Vocação para a Liberdade**. São Paulo: Paulus. 1998, p. 309.

⁹²² COMBLIN, José, op. cit., p. 309. A política também não foi capaz de produzir a liberdade, pois viu-se atrelada e submissa aos caprichos do poder econômico.

Nosso foco de interesse, neste último capítulo, passa pelo desafio de interpelar o pensamento estudado de Calvino, estabelecendo conexões com os atuais interlocutores. Os paradigmas estudados em Calvino e tratados neste trabalho servirão de nexos com a contemporaneidade, numa busca de atualização, desafios e práxis do genuíno Evangelho de Jesus Cristo. À luz dos temas elencados em Calvino, buscaremos uma proposta integral da vida cristã.⁹²³

Quando pensamos numa Igreja exercendo sua vocação histórica de forma relevante na sociedade e na expansão do Reino de Deus, temos que considerar a possibilidade de uma atualização calvinista como proposta e resposta para o mundo contemporâneo, a fim de que estabeleçamos diálogo com nossos interlocutores.

A célebre frase *Ecclesia reformata et semper reformanda est* - A Igreja reformada está sempre se reformando – expressão formulada após a Reforma e vastamente utilizada no século XIX, precisa ser a tônica da Igreja na pós-modernidade, frente a tantos e urgentes desafios, que exigem da Igreja uma postura cada vez mais adequada aos novos tempos e, ao mesmo tempo, sem abrir mão de seus pressupostos bíblico-teológicos. Especialmente com Calvino, na chamada Segunda Reforma, era expressão comum e desejada. Há certo paradoxo protestante, ou seja, a Reforma do Século XVI nasceu com a proposta de contestação, de mudanças radicais nas bases da fé cristã, apresentando-se como revolucionária e libertadora, como uma via alternativa, o que de fato aconteceu. Porém, com o passar do tempo, sofre com o perigo, sempre iminente, de um tradicionalismo rígido, extremamente conservador, paralisante, fechado, descolado da realidade.

⁹²³ WURTH, G. Brillenllenburg. “Calvin and the Kingdom of God”, *John Calvin: Contemporary Prophet* (editado por Jacob T. Hoogstra), p. 122. Cf. FERREIRA, Edijéce Martins. *A Ética de Calvino*. Edição comemorativa do centenário do presbitério de Pernambuco. Recife: 1988, p. 13.

Portanto, cremos que se faz necessário e oportuno buscar uma constante reforma e, em nosso caso, retornar aos fundamentos basilares da fé cristã, encontrados nas Escrituras e nas grandes doutrinas expostas não apenas pelos reformadores, mas também pelos pais da Igreja e tantos outros homens de Deus, a fim de não perdermos nossa identidade reformada e influenciarmos, positivamente, sem imposição, a Igreja Evangélica Brasileira, tão sem rumo e sem conhecimento bíblico e, conseqüentemente, sem firmeza doutrinária. Influenciar também nossa sociedade, buscando transformações em todas as suas dimensões e oportunando, ao homem, uma vida melhor, mais humana.

Nesse sentido, o princípio reformado autoriza-nos resgatar o pensamento de Calvino e atualizá-lo diante das demandas atuais naquilo que houver, de fato, necessidade. Significa, em outras palavras, retomar a proclamação genuína da Palavra de Deus, visto que “a Escritura é a escola do Espírito Santo, na qual, já que nada que é necessário e útil ao conhecimento é omitido, também nada é ensinado que não se precise saber”.⁹²⁴ O cristianismo “é um poder reconstrutivo.”⁹²⁵ Como falaremos mais adiante, numa sociedade repleta de carência das Escrituras na vida social e individual, no meio de uma Igreja Evangélica Brasileira, em muitos segmentos, beirando às raias do misticismo e do relativismo escriturístico, retomar os princípios reformados parece-nos uma necessidade urgentíssima.

5.1

O Querigma Libertário: Libertação da Igreja Diante dos Desafios da Pós-Modernidade

O querigma da Igreja pós-moderna precisa trazer, mais do nunca, os sinais e a presença plenos do Reino de Deus (Mc 1,15), que tem a ver com a realeza de Deus, atuando nos corações dos homens e mulheres desse tempo, provocando verdadeira liberdade interior e nas dimensões externas do ser humano e no meio onde ele habita.

⁹²⁴ *Institutas*, vol. IV, XX, 3.

⁹²⁵ GUTHRIE, Shirley C. **Sempre se Reformando. A Fé Reformada em um Mundo Pluralista**. São Paulo: Pendão Real. 2000, p. 7.

A ação da Igreja, na história, concretiza o Reino na medida em que o anúncio do Evangelho libertador produz a plenitude salvífica futura, resultado da salvação presente, como resposta à oferta graciosa de Deus.⁹²⁶ Paradoxalmente, submeter-se ao senhorio desse novo reino é encontrar a verdadeira liberdade, pois a graça de Deus nos convida a uma resposta de amor, de relação, de entrega, jamais de totalitarismo. Na verdade, o domínio de Deus é de amor. Experimentar a realidade do reino é fazer a própria experiência salvífica, é encontrar as sendas da liberdade. A experiência de salvação oferecida *por* e *em* Jesus é integral, permeando todas as dimensões do ser humano.

A práxis de Jesus expressa muito mais preocupação com o homem do que com tradições e prescrições. Sua liberdade era sempre capaz de relativizar todo tipo de religiosidade opressora de sua época, fundamentalmente resultado de sua experiência com o Pai. Ou seja, Jesus Cristo revelou um Deus sem preocupações em avaliar as ações meritórias do homem – religiosas – para com Ele, mas “um Deus que aceita o homem como é, que o ama e perdoa sem impor condições”.⁹²⁷

A beleza do ministério de Jesus como paradigma eclesiológico é a sua capacidade em revelar, concretamente na história, o mistério de Deus de forma compreensível e tangível aos homens e mulheres de seu tempo, sobretudo, os mais simples e marginalizados. Ao demonstrar quem era Deus para Ele – Jesus -, concretiza-se a relevância do Reino de Deus, pois sua intervenção no mundo não acontece pela via de qualquer programa ético-moral, mas pela nova e graciosa forma de relacionamento com Deus, ofertada ao homem. Eis o Evangelho libertador, que não apenas perdoa e justifica o imperdoável, mas propicia uma nova relação com o doador da liberdade, o Pai, por meio do Filho, pela ação do Espírito Santo. Aí está a Trindade agindo na redenção do homem.

⁹²⁶ MIRANDA, Mário de França. **Libertados para a Práxis da Justiça**. A Teologia da Graça no Atual Contexto Latino-Americano. São Paulo: Loyola, 2002, p. 26.

⁹²⁷ *Ibidem*, p. 28.

A presença da Igreja, no mundo, como continuação do ministério de Jesus Cristo, firma-se pela sua práxis e anúncio do Reino de Deus, que carrega em si o chamado à liberdade e a quem responde a vocação da graça, livra-se da escravidão do pecado, das forças meritórias de qualquer religiosidade, da opressão do diabo, de si mesmo e abre-se à nova vida, ofertada pelo único capaz de promover tal libertação – a experiência com o Cristo de Nazaré. Ou seja, não existe salvação sem a experiência da liberdade.⁹²⁸

A Igreja é chamada por Deus, enviada por Jesus Cristo e capacitada pelo Espírito Santo a viver historicamente a experiência trinitária, estando fundamentalmente a serviço do ministério da reconciliação. À semelhança de Jesus Cristo, a Igreja, comunitária e individualmente, exerce seu ministério de contínuo êxodo, saindo de si mesma e caminhando na direção dos outros, dos pobres, dos rejeitados, dos injustiçados, dos pecadores em geral. Ou seja, como parte da natureza eclesial, ela vive voltada para fora de si mesma, jamais endogenamente, fechada em si mesma.⁹²⁹

Se entendermos este fato, compreenderemos que a vida total da Igreja está relacionada e envolvida no que Deus está fazendo no mundo.⁹³⁰ Por isso, a Igreja vive para a sua missão.⁹³¹ A missão da Igreja é a razão de ser da sua existência. Não como uma de suas atividades, mas como a sua atividade específica, a sua vocação especial, pois não há participação em Cristo sem participação na Sua missão no mundo.⁹³²

⁹²⁸ Ibidem, p. 59.

⁹²⁹ CARRIKER, Timóteo Charles. **Missão Integral**. Uma Teologia Bíblica. São Paulo: SEPAL. 1992, p. 202.

⁹³⁰ CAVALCANTI, Robinson, op. cit., pp. 16-27.

⁹³¹ FOX, H. Eddie & George E. Morris. **Anunciemos o Senhor**. A Evangelização na Virada do Século. São Paulo: Imprensa Metodista. 1994, pp. 125-139.

⁹³² PADILLA, C. René, op. cit., pp. 139-142. Cf. V.V.A.A. **A Missão da Igreja no Mundo de Hoje**. Principais Palestras do Congresso Internacional de Evangelização Mundial Realizado em Lausane, Suíça. Howard A. Snyder. **A Igreja como Agente de Deus na Evangelização**. São Paulo: ABU. 1984, pp. 87-91. Ver também: CÉSAR, Élben Magalhães Lenz. **Missões e Tentações**. In.: CARRIKER, Timóteo (Org.). **Missões e a Igreja Brasileira**. A Vocação Missionária. Vol. 1. São Paulo: Mundo Cristão. 1993, pp. 41-43. Ver ainda: CARRIKER, Timóteo Charles. **Missões e a Igreja Brasileira**. A Vocação Missionária. Vol. 01. São Paulo: Mundo Cristão. 1993, pp. 1-10.

A Igreja precisa saber como ela deve *ser* e o que ela deve *fazer*.⁹³³ Ela precisa, para realizar a obra de evangelização, sentir-se parte efetiva do movimento do Espírito Santo de Deus, do contrário ela não faz missões. Assim, evangelizar é participar com Deus no processo de redenção e salvação dos Seus escolhidos. É participar da *Missio Dei*.⁹³⁴

Portanto, “sem a missão da Igreja a história nada mais é do que a história humana, cujo progresso consiste, na melhor das hipóteses, na intensificação de sua catástrofe. Mas se sabemos da vinda do Reino nos alegramos em proclamá-lo”.⁹³⁵ Karl Barth descreve a missão da Igreja da seguinte maneira:

Entendida no sentido mais estrito da palavra - o qual, contudo é o sentido real, original - “Missão” significa “enviar”, enviar às nações com o propósito de testificar o Evangelho, o qual representa a raiz da existência e ao mesmo tempo a raiz também de toda a tarefa do povo de Cristo. Na “Missão”, a Igreja se descobre e se põe no seu caminho (Poreuthentes - Mt 28,19) e, para tanto, dá o passo necessário nas profundezas do seu próprio ser, passo além de seu próprio ser e além de seu próprio ambiente, para dentro daquela humanidade que está aprisionada a tantas crenças falsas, obstinadas e impotentes, e sujeita a tantos deuses falsos de invenção e autoridade mais antigas e mais recentes - para aquele mundo dos homens que ainda são estranhos à Palavra de Deus, concernente à Sua garantia de misericórdia que os inclui, à palavra que em Jesus Cristo também lhes foi enviada [...].⁹³⁶

O conteúdo da evangelização é Jesus Cristo, Evangelho do Pai, que anunciou com gestos e palavras que Deus é misericordioso para com todas as suas criaturas, que ama o homem com um amor sem limites e que quis entrar na sua história por meio de Jesus Cristo, morto por nós, para nos libertar do pecado e de todas as suas conseqüências e para nos fazer participar de sua vida divina.⁹³⁷ Nas palavras de Paulo VI, evangelizar é anunciar “o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus”.⁹³⁸

⁹³³ Isso era algo que devia estar muito claro na mente e no coração da Igreja. Era uma nova sociedade com uma nova mensagem. Cf. C. PADILLA, René, op. cit., pp. 24-37.

⁹³⁴ PATE, Larry. **Missiologia: A Missão Transcultural da Igreja**. São Paulo: Vida. 1987, pp. 4-26.

⁹³⁵ BLAUW, Johannes, op. cit., p. 110.

⁹³⁶ Ibidem., p. 117. Cf. “Relatório do Conselho Consultivo do Principal Tema da Segunda Assembléia - Cristo, a Esperança do Mundo”, p. 18. In *The Christian Hope and the Task of the Church*, Nova York: Harper Bros, 1954.

⁹³⁷ Cf. João Paulo II. **Homilia em Veracruz**. México: 7.5.90.

⁹³⁸ EN, 22.

Todo processo de evangelização inculturada passa pelo desafio de não resumir a mensagem cristã em um discurso meramente *tradicional*, anacrônico, muitas vezes, e, pior, centrado na autoridade da Igreja. A evangelização precisa considerar o tempo no qual ela se dá. O caminho da evangelização tem que passar pela consciência e sensibilidade de seus interlocutores. Todo processo de evangelização não pode abandonar a racionalidade. Uma racionalidade capaz de desmascarar a idolatrização da pós-modernidade.⁹³⁹

Aspecto importante da realidade da Igreja é o fato definitivo e total da obra redentora de Jesus Cristo, ou seja, ato decisivo e básico da reconciliação de toda a criação, que longe de enfraquecer o ímpeto missionário da Igreja, é a certeza que constitui o fundamento legítimo para uma proclamação urgente e séria a todos os homens.⁹⁴⁰ A missão da Igreja é parte integrante da obra final de Jesus Cristo e a missão é cristã, na medida em que sua motivação reside na certeza de que a salvação do homem foi realizada em Cristo e que nele a nova humanidade foi inaugurada.⁹⁴¹

5.1.1 O Espírito Santo e o Anúncio do Querigma Libertário

Jamais poderemos considerar o Evangelho e seu anúncio como sendo algo a atingir partes do ser humano. Ao contrário, a liberdade promovida pelo Evangelho é profunda e integral. Profunda, porque o liberta de si mesmo, de seu egoísmo, de sua auto-independência. Integral porque o liberta para a entrega radical a Cristo, para o outro, para o amor-serviço, para um novo relacionamento com o Criador e a criação, alterando seu *ethos* existencial. Esta liberdade profunda e integral é operada pelo Espírito Santo, pois, no espaço da ação do Espírito, a liberdade se concretiza (2 Cor 3,17).⁹⁴²

⁹³⁹ STEUERNAGEL, Valdir. **Obediência Missionária e Prática Histórica**. São Paulo: ABU. 1993, pp. 154-155.

⁹⁴⁰ STAGG, Frank. **Atos - A Luta dos Cristãos por uma Igreja Livre e sem Fronteiras**. Rio de Janeiro: JUERP. 1994, pp. 44-55.

⁹⁴¹ PADILLA, C. René, op. cit., pp. 202-206.

⁹⁴² ARANA, Pedro. **Bases Bíblicas da Missão Integral da Igreja. A Serviço do Reino**. Um Compêndio sobre a Missão Integral da Igreja. In.: STEUERNAGEL, Valdir (Editor). Belo Horizonte: Missão Editora. 1992, pp. 84-86.

A força do Espírito Santo é elemento fundante da Comunidade Cristã, da Comunidade de Jerusalém e de qualquer Igreja, e nos é concedido pela adesão à Palavra. A força do Espírito se revela na palavra, na koinonia, nos sinais e nos prodígios realizados. Tais sinais eram realizados por Jesus. Hoje, são sinais do Espírito do Senhor na Comunidade Cristã e na obra de evangelização.

A força – dynamis - do Espírito Santo, dada aos discípulos, não é mediado por instituições, nem pela capacidade das pessoas, mas é uma força gratuita incontrolável, que dá ânimo e coragem frente ao poder estabelecido e capacita as pessoas a enfrentar e a transformar.⁹⁴³

O evento do Pentecostes foi a oportunidade que os homens tiveram de ver e ouvir as maravilhas de Deus e de captar a mensagem universal do Evangelho. O Pentecostes nada mais foi do que a ação do Espírito Santo em evangelizar, inculturando o Evangelho em outras línguas (culturas).⁹⁴⁴ Ora, aqui está a grande pista para o caminhar da Igreja hoje, ou seja, ela precisa, na dimensão do Espírito, diversificar a mensagem do único Evangelho de Jesus Cristo, para que alcance os mais diferentes povos, línguas e culturas. Ancorados pelo espírito de Pentecostes, com a abundância do Espírito, a Igreja Evangélica Brasileira precisa redescobrir sua vocação maior, ser diaconal na ação missionária, com uma práxis libertadora do Evangelho, coerente com a realidade pós-moderna.⁹⁴⁵

A evangelização toma sentido e impulso fundamentados na obra que Cristo realizou, ou seja, na sua entrada no processo histórico através de sua encarnação e doação de vida ao homem perdido, que estava e está em processo de ruptura com Deus.⁹⁴⁶ Isto significa resistir à tentação de não se constituir em valor mais elevado daquilo que já foi feito por Jesus Cristo e que continua sendo feito mediante o Espírito Santo.⁹⁴⁷

⁹⁴³ ROBERTI, Carlos. **O Espírito Santo na Obra de Lucas**. Revista Estudos Bíblicos 45 - O Espírito Santo - Formador de Comunidades. Rio de Janeiro: Vozes, p. 57.

⁹⁴⁴ ROBERTI, Carlos, op. cit., p. 58.

⁹⁴⁵ RAMOS, Ariovaldo. **Veja Sua Cidade Com Outros Olhos**. Ação da Igreja na Cidade. São Paulo: SEPAL. 1995, p. 25.

⁹⁴⁶ KIVENGERE, Festo. **A Cruz e a Evangelização Mundial**. A Missão da Igreja no Mundo de Hoje. São Paulo: ABU. 1982, p. 231 passim. Todo o artigo é dedicado à fundamentação da evangelização na obra redentora de Jesus Cristo na Cruz do calvário, que teve como objetivo salvar e libertar os oprimidos e cativos. Portanto, a cruz não pode ser vista e analisada como sendo um fim em si mesma. A cruz pela cruz não tem significado algum para a realidade existencial do homem.

⁹⁴⁷ STOTT, John. **A Cruz de Cristo**. São Paulo: Vida. 1990, p. 149 passim.

O que se verifica, hoje, é uma preocupação muito positiva no que diz respeito às Igrejas no Brasil demonstrando um impulso evangelizador bastante acentuado e agressivo. Vivemos, hoje, a possibilidade real de comunicar as Boas Novas de salvação, conduzindo homens e mulheres a viverem a verdade libertadora de Jesus Cristo.⁹⁴⁸ Entretanto, não podemos deixar de dizer que, muitas vezes, este impulso evangelizador tem sido manchado por uma exagerada preocupação com os interesses econômicos em detrimento do seu serviço vocacional.⁹⁴⁹ Harms-Wiebe afirma:

A nossa vivência do evangelho em Cristo nos autoriza a comunicar as boas novas à sociedade (Jo. 17, 20-23). Tendo uma paixão por Deus e tendo sentido o amor da comunidade, sentimos uma compaixão profunda pelos que não conhecem a Deus (Rm 10, 14-15). Por isso, cada membro do corpo é um sacerdote e tem como função colocar pessoas em contato com Deus e discipulá-las (1 Pe 2, 9-10; 3, 15-16; Mt 28, 16-20). Como Igreja, servimos como liame entre Deus e a humanidade (2 Co 5, 16-19). Pela maneira de ser, refletimos a semelhança de Deus para o mundo e ao mesmo tempo transformamos a sociedade.⁹⁵⁰

A natureza missionária da Igreja é redescoberta na dimensão do serviço aos outros. Ela é Igreja quando acontece para os seres humanos, como possibilidade de recebimento da verdade da ressurreição de Jesus Cristo. Ela acontece no caminho da graça de Deus, manifestada em Cristo e sustentada pelo poder do Espírito Santo, que funda, edifica e a faz crescer e viver. Conforme o Concílio Vaticano II, a Igreja possui uma natureza intrinsecamente missionária, quando afirma: “A Igreja que vive no tempo, é por sua natureza missionária, enquanto que é da missão do Filho e da missão do Espírito Santo que essa, segundo o plano de Deus Pai, deriva a sua origem”.⁹⁵¹

⁹⁴⁸ *Institutas*, Edição Especial, pp. 105-107.

⁹⁴⁹ KIRK, Andrew. **Igreja: Comunidade do Serviço**. Rio de Janeiro: VINDE. 1989, p. 9 passim.

⁹⁵⁰ HARMS-WIEBE, Ray. *Estrutura Criativa no Contexto Metropolitano - Passos de um processo de Transformação*. In.: HORRELL, J. Scott (org.). **Ultrapassando Barreiras**. São Paulo: Vida Nova. 1995, p. 31.

⁹⁵¹ AG, 2; cf. LG, 1. Vaticano II.

Portanto, sem a missão histórica da Igreja, a história nada mais é do que a história humana, cujo progresso consiste, na melhor das hipóteses, na intensificação de sua catástrofe.⁹⁵² Mas, se sabemos da vinda do Reino, não podemos nos alegrar com apenas a promessa sem deixar de, apaixonadamente, proclamá-la.⁹⁵³ O Evangelho e sua mensagem não existem separadamente de seu envolvimento histórico, isto é, eles se vivificam precisamente no confronto missionário da Igreja com o mundo.⁹⁵⁴

A obra evangelizadora da Igreja, portanto, deverá aperceber-se lucidamente das condições concretas do homem pós-moderno, contingenciado ao seu tempo e espaço, inteirando-se competentemente do seu novo *ethos* cultural, que subjaz às turbulências e ao dinamismo da história de cada povo.⁹⁵⁵ Sem que se perca essa visão mais ampla, é necessário sentir e meditar em sua repercussão nas nossas próprias fronteiras.

Jesus Cristo é o cumprimento do AT e o primogênito da nova criação, o fim de um mundo, o começo de outro novo, “o ponto central da História.”⁹⁵⁶ Diante da grandiosidade da obra que Cristo realizou, a proclamação do Evangelho é a forma do Reino de Deus tornar-se realidade na História. No Espírito Santo, é o próprio Cristo quem testifica, mas, ao mesmo tempo, são os discípulos que testificam e modificam as estruturas através do anúncio do Evangelho.⁹⁵⁷ Blauw afirma que:

À luz deste novo começo, a proclamação do Evangelho entre as nações deve ser entendida como a concretização das expectativas escatológicas. O novo mundo já existe, mas existe apenas para aquele que vê a realidade do domínio de Cristo na proclamação do Evangelho no mundo.⁹⁵⁸

⁹⁵² BLAUW, Johannes. *A Natureza Missionária da Igreja*. São Paulo: ASTE. 1966, p.110.

⁹⁵³ LOEFFLER, Paul. *Apostilas Sobre Evangelização Urbana*. 1980.

⁹⁵⁴ HOUTART, François. *A Igreja e o Mundo*. Petrópolis: Vozes. 1965. Cf. HORRELL, J. Scott. *Ultrapassando Barreiras. Novas opções para a Igreja Brasileira na virada do século XXI*. São Paulo: Vida Nova, p. 9. Cf. RENÉ, Padilla C., op. cit., pp. 197-200.

⁹⁵⁵ AZEVEDO, Marcelo S.J. *Entroncamento e Entrechoques*. Vivendo a Fé em um Mundo Plural. São Paulo: Loyola. 1991, p. 81 passim. O autor é Dr. em Missiologia e trabalha muito bem a questão do processo de uma evangelização inculturada. É profundo conhecedor da nossa realidade, sendo, sem dúvida, um referencial nesta questão do agir da Igreja nos grandes centros urbanos e de como deve ser a articulação entre a Igreja e o *ethos* cultural do homem moderno e urbano.

⁹⁵⁶ Esta é expressão de Jean Daniélou em *Essai sur le mmystère de l'histoire*. 1954, p. 193.

⁹⁵⁷ CAVALCANTI, Robinson. *Igreja: Agência de Transformação Histórica*. Rio de Janeiro: VINDE. 1987, p. 49 passim.

⁹⁵⁸ BLAUW, Johannes, op. cit. p. 106. Cf. CAVALCANTI, Robinson, op. cit., pp. 59-61. Cf. V.V.A.A. *Evangelização no Brasil*. Documento preparado pelos participantes do Simpósio de Evangelização, promovido pela ASTE, em São Paulo, em 1967.

A de se combater o perigo da *domesticação de Deus* que parece acompanhar esses movimentos e se manifesta, sobretudo, na *ação sobrenatural condicionada*, alardeada sem reserva por alguns grupos. Pode-se dizer que um *deus* do qual se faz *objeto* de manipulação e que é contido nos limites do interesse de indivíduos e grupos religiosos é precisamente o Deus de todas as religiões, mas não é o Pai de Jesus Cristo, *Sujeito* da História e que conduz livremente todas as coisas rumo ao seu cumprimento. De certo modo, tais movimentos vivem exatamente do confinamento de Deus na esfera cada vez menos central e vital dos interesses religiosos.⁹⁵⁹

5.1.2 Igreja: Promotora de Liberdade e de Esperança

Nesta sociedade pós-moderna, tendo como destaque algumas de suas principais marcas, tais como a perda de valores éticos, a relativização de valores tidos como absolutos, o consumismo, a desumana competitividade, o utilitarismo como conseqüência do pragmatismo, o domínio do poder econômico e outros mais, urge uma vivência eclesial saudável, capaz de promover relações mais fraternais, mais afetivas, mais solidárias, na verdade, mais humanas. Diante da Igreja está o desafio de resgatar o valor das relações humanas. O desafio da convivência. Como já afirmamos, nessa crise aguda do vital humano, que está completamente enfermo, necessitamos de uma liberdade equilibrada, onde haja uma fé reflexiva aliada a uma fé afetiva, pela via da vivência do verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo.

⁹⁵⁹ KIVITZ, Ed René. *Pequenos Grupos, uma Velha Novidade*. In.: HORRELL, J. Scott (Editor). **Ultrapassando Barreiras**. São Paulo: Vida Nova, p. 59 passim. Cf. HORRELL, Scott. **A Essência da Igreja**. São Paulo: Vida Nova, pp. 10,11,27. Cf. com a obra: **Evangelização e Responsabilidade Social**. Série Lausanne. São Paulo: ABU. Vol. 2, pp. 38-42. Esta obra faz parte de uma série de dez volumes sobre o Congresso Mundial de Evangelização, ocorrida em Lausanne, Suíça, em 1974.

Inserido numa sociedade movida pelo poder econômico e assumidamente consumista, em que se valoriza mais o ter, a aparência, do que o ser, o conteúdo, o homem é alimentado pela ilusão de que seu valor como pessoa está ancorado apenas nessa cultura. Busca-se a todo custo o *ter* em detrimento do *ser*, tornando o indivíduo altamente competitivo, encontrando sempre no outro um forte adversário. Resultado: isolamento planejado e autodestruidor, com evidente comportamento egoísta, sem a prática da bondade e da generosidade.

As relações assumem uma dimensão de descartabilidade jamais vista. O utilitarismo e o pragmatismo tornam as pessoas descartáveis. Se associarmos a incapacidade da pessoa de produzir, o mercado se encarrega de descartá-la. Subjugado à cultura da descartabilidade, o homem vive o que podemos chamar de doença do século, a depressão, com todos os seus sintomas de ansiedade, de medo, estresse, insegurança. Vivemos a era dos tranqüilizantes. Fruto dessa sociedade descartável, com relações e inter-relações superficiais, vamos encontrar o núcleo familiar desintegrado, não ocupando mais o centro integrador e gerador de caráter e da identidade do indivíduo.

O fato de haver menos técnicos e políticos competentes para transformar a situação mediante aumento de produtividade e uma justa distribuição de renda, certamente subtrai, cada vez mais, a esperança aos despojados e ameaça a paz social. E a necessidade de que esses profissionais competentes retornem ao cenário é, certamente, um estímulo à luta pelo progresso social. É nesse contexto em que a Igreja Evangélica Brasileira apresenta-se um tanto confusa e, não raro, dividida, como bem reflete sua maneira de interpretar e de proclamar o Evangelho. Algumas vezes, ela se limita a denunciar a tendência iconoclasta que acompanha a crise, já que esta pressupõe o desmoronamento de uma organização social com a qual a Igreja está habituada, para não dizer identificada.

Nas palavras de Miranda, “a salvação de Cristo consistia em libertar a nossa liberdade para o amor (a Deus e ao próximo)”.⁹⁶⁰ Ele ainda afirma que,

⁹⁶⁰ MIRANDA, Mário de França, op. cit., p. 102.

[...] no ponto em que chegamos, podemos precisar mais esta afirmação: a salvação de Cristo é a nossa liberdade, libertada na doação concreta do amor fraterno; de fato, a graça só é realidade no homem quando aceita, e esta aceitação se dá no compromisso com o próximo; só no amor concreto triunfa a ação salvífica de Deus e, simultaneamente, liberta-se nossa liberdade.⁹⁶¹

Sem dúvida, o Evangelho que nos foi confiado proclamar é Evangelho de esperança, que corresponde às esperanças e aos anseios de todos os homens. Por isso, a Igreja deverá saber ouvir e compreender o grito de esperança, que é também um grito de desespero e de protesto, que explode do coração de muitos filhos da família brasileira. Num sentido muito profundo e preciso, o Evangelho é dirigido, fundamentalmente, aos pobres e constitui o anúncio da libertação dos oprimidos e do estabelecimento de uma nova ordem de relações humanas mais fraternas e mais justas.⁹⁶² Não se pode negar o poder transformador do Evangelho na vida dos homens e nas relações.

A evangelização que não salienta essas verdades bíblicas é uma evangelização prejudicada e que não corresponde aos desafios daquele que se fez carne e veio para trazer verdadeira e integral libertação e salvação. O povo de Deus é constituído para viver Cristo nas relações. Nesta perspectiva, toda ética cristã é ética social, ou seja, uma nova forma de viver com os homens e para os homens nas complexas estruturas da sociedade moderna. A vida da Igreja do Senhor Jesus é, portanto, uma vida de testemunho de sua fé em Deus, como Senhor da História e, conseqüentemente, Senhor das transformações estruturais de nossa terra.⁹⁶³

A esperança cristã, vista dentro da realidade do Reino de Deus, contém uma dimensão social extremamente importante, que não pode ser dissociada de seu cumprimento eterno. Jesus Cristo é, portanto, ao mesmo tempo, o julgamento e o destino final de todas as aspirações humanas. Primar pela seriedade dessa verdade talvez seja a mais difícil, mas também a mais promissora tarefa da Igreja, no que tange à sua missão em nosso país.

⁹⁶¹ Ibidem, p. 102.

⁹⁶² PADILLA, C. René, op. cit., pp. 202,203.

⁹⁶³ CAVALCANTI, Robinson, op. cit., p. 55.

Seu resultado pode levar muitos homens a renovar sua confiança no Evangelho e na Igreja que o prega, e possibilitará aos sofredores ver, sob nova luz, o verdadeiro sentido de seu sofrimento e da luta por superá-lo. Ao mesmo tempo, exigirá da Igreja que se propõe a anunciar a Boa Nova, disposição sacrificial para aceitar o desconforto da incompreensão e da hostilidade, preço da fidelidade de uma Igreja que quer ser obediente a Jesus Cristo e que quer ser livre no seu serviço ao homem.⁹⁶⁴

Portanto, a Igreja é expressão histórica da graça salvífica de Deus em Cristo Jesus e, sobretudo, nesse contexto pós-moderno, portadora da mensagem libertadora e promotora dessa experiência salvífica pela mediação única de Jesus Cristo.⁹⁶⁵ Nessa sociedade, marcada pelo pecado e repleta de sinais de opressão, com a proclamação de uma cultura cada vez mais hedonista, consumista e niilista, constitui-se em grande desafio um compromisso pela construção de uma sociedade mais humana, em que o vital humano, alvejado pela graça libertadora, conduza o homem ao verdadeiro sentido da vida. Cabe a Igreja e a cada cristão a vivência e a proclamação dos valores do Reino.

5.2 A Cristologia Calvinista e o Querigma Libertário diante dos Desafios da Pós-Modernidade

Toda a teologia calvinista possui uma centralidade cristocêntrica, tendo o seu papel salvífico como único mediador entre Deus e o homem. A doutrina cristológica não diz respeito apenas ao conhecimento que o homem precisa ter acerca do salvador, mas também, segundo Calvino, Jesus Cristo é o Verbo eterno de Deus, eternamente gerado do Pai, existindo antes da encarnação, “fora da carne”,⁹⁶⁶ em sua linguagem.

⁹⁶⁴ KIRK, Andrew, op. cit., p. 27 passim.

⁹⁶⁵ Não queremos assumir, aqui, nenhuma forma reducionista de que, fora da Igreja, não há salvação, mas evidenciar a vocação eclesial e de cada discípulo, individualmente, na tarefa querigmática de anunciar as Boas Novas, que promovem a verdadeira liberdade humana.

⁹⁶⁶ *Institutas*, Vol. II, 13.4.

A cristologia, segundo Calvino, serve como poderoso instrumento de combate às novas cristologias pós-modernas que afirmam que não houve morte expiatória por parte de Cristo, apenas que, morrendo, deixou-nos sua vida como paradigma a ser seguido.

No mundo altamente plural, verificamos a cristologia cativa de uma soteriologia, ou de várias soteriologias, uma vez que a salvação encontra, nesse ambiente, diversos caminhos salvíficos. Nesse sentido, Jesus Cristo é apenas mais um caminho colocado ao lado de tantos outros. O paradigma central é o soteriológico, e a cristologia cumpre a vontade de um teocentrismo, pois nesse cenário, Deus está acima de Cristo. Jesus Cristo não encerra a revelação máxima e especial de Deus, visto que há outras revelações de igual valor. Cristo está ao lado de tantos outros, como mais um produto soteriológico no grande supermercado da fé pós-moderna.

Portanto, nosso propósito é resgatar a cristologia bíblico-reformada na perspectiva calvinista, evidenciar as questões fundamentais *de* e *em* Jesus Cristo e evidenciar Sua permanente contemporaneidade e colocá-LO em diálogo com a pós-modernidade.

5.2.1 A Atualização da Cristologia Calvinista: Aplicação na Cristologia Eclesial

Não há dúvida do enorme desafio diante do contexto socioreligioso em nosso país, sobretudo com o enraizamento da chamada teologia da prosperidade nos setores pentecostal e, com muito maior ênfase, no movimento neopentecostal. Enraizamento que, na prática, acompanha o nascedouro desse setor evangélico. O *ethos* evangélico foi tremendamente afetado e alterado, na qual tais Igrejas são movidas por uma *teologia de mercado*, causando sérios danos à imagem da Igreja Evangélica Brasileira e nos trazendo uma crise de plausibilidade.

Uma das conseqüências diretas trata-se do surgimento de uma massa de evangélicos que, em sua relação com a Igreja e com Deus, estabeleceram uma aliança de troca, ou seja, quanto mais a pessoa consome aquela religião – significa dizer, seus produtos – mais obterá retorno espiritual e material da parte de Deus, tudo segundo as promessas dos seus líderes. Na verdade, a *teologia de mercado* transformou a fé num grande produto a ser comercializado, com toda a sua linha de produção, e aqueles que deveriam ser verdadeiros discípulos de Jesus Cristo, tornaram-se clientes potencialmente vocacionados para o consumo religioso.

Estabelecida esta conexão, significa afirmar que o poder econômico capitulou o verdadeiro sentido da fé cristã. Os discípulos-clientes, consumidores que são, não conseguem estabelecer relacionamento duradouro em suas Igrejas, posto que as exigências sejam muitas, os resultados esperados não surgem e as frustrações só fazem crescer. Resultado: os consumidores da fé tornam-se migratórios, os chamados “nômades da fé”.⁹⁶⁷ Nessa movimentação transitória, encontramos um significativo comentário:

No Brasil, como em outras partes do mundo, o fiel já não é mais tão fiel assim à sua religião, ele transita em diversas expressões religiosas. O perfil religioso do homem e da mulher contemporâneos pode ser altamente cambiante, favorecendo um aspecto religioso num determinado momento, e outro logo depois [...]. A idéia de ‘trânsito religioso’ admite o ‘passeio’ por diversas religiões (mesmo, em alguns casos, havendo predileção por uma ou outra) não demanda mudanças intestinais na forma de vida dos transeuntes e dispensa ou atenua o compromisso com uma instituição específica. Isso pode ser mais bem verificado entre aqueles que, apesar de admitirem uma pertença religiosa, transitam e se apropriam dos mais variados aspectos simbólicos. Não que isso não acontecesse anteriormente, mas estamos falando de uma intensificação disso.⁹⁶⁸

Vencida pelo poder econômico, processo que se dá, fundamentalmente, pela trilha midiática, muitas Igrejas ainda demonstram fôlego para continuar esse caminho. Em *Fast Food Gospel*, Lourenço Stelio Rega traça um perfil bastante elucidativo dos crentes migratórios:

⁹⁶⁷ ROMEIRO, Paulo. **Decepcionados com a Graça**. Esperanças e frustrações no Brasil Neopentecostal. São Paul.: Mundo Cristão. 2005, p. 158.

⁹⁶⁸ SOUZA, Sandra Duarte. **Trânsito religioso e construções simbólicas temporárias**: Uma bricolagem contínua. São Paulo. UMEESP. 2001, pp. 164,165.

Vivemos numa sociedade do entretenimento, na qual a diversão, o imediatismo e a superficialidade são os fios condutores de uma espiritualidade fácil, instantânea e medíocre. Tudo é movido por uma busca ansiosa por qualificação imediata e sensações cada vez mais intensas. A própria vida espiritual virou projeto de entretenimento. No passado, buscava-se a salvação, a vida em comunhão com os irmãos na fé; hoje, busca-se um projeto de ‘boa vida’, em que Deus se transforma num mero garçom e o Evangelho, em moeda de troca para se alcançar o bem-estar [...]. O *fast food gospel* nos leva a uma espiritualidade sem compromissos, a não ser, apenas, com nossas paixões e impulsos, em que são descartados atos significativos do Evangelho autêntico, tais como compartilhamento e camaradagem entre os irmãos. Somos levados por uma cultura de massa. Estamos deixando de ser sal da terra e luz do mundo.⁹⁶⁹

Compete a Igreja atual, através de sua vivência e proclamação, expressar uma das maiores verdades de sua própria existência, ou seja, Deus pela sua livre e soberana vontade, resolveu entrar na história humana, sendo completamente auto-suficiente e auto-existente e estabelecer uma relação pactual com o ser humano, única e exclusivamente através de Jesus Cristo, o seu Filho. O texto bíblico diz: “Havendo Deus, outrora, falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias nos falou pelo Filho” (Hb 1.1,2). A partir destas palavras, Calvino afirma o seguinte:

O que ele declarou com essas palavras foi que daí por diante Deus não falaria mais como antes, por estes ou por aqueles, e que não juntaria profecias a profecias, nem revelações a revelações, mas que ele completou de tal modo toda a perfeição dos seus ensinamentos em seu Filho que devemos reconhecer que este é o derradeiro e eterno testemunho que teremos dele.⁹⁷⁰

Não resta dúvida de que Jesus Cristo encerra a plenitude da revelação de Deus, visto ser Ele a Palavra Viva que tabernaculou com o homem. Por mais sábio que possa parecer o homem, como poderia superar a eterna sabedoria divina? Por isso vocifera Calvino: “Digo de novo, pois, que é necessário que um só Cristo fale e que todo o mundo se cale; que só Cristo seja obedecido e todos os outros sejam abandonados. Porque ele fala como quem tem poder”.⁹⁷¹

⁹⁶⁹ REGA, Lourenço Stelio. *Fast Food Gospel*, Eclésia n. 45, p. 45.

⁹⁷⁰ *Institutas*. Edição Especial, p. 109.

⁹⁷¹ *Institutas*. Edição Especial, p. 110.

5.2.2 Unicidade e Universalidade em Jesus Cristo

Na pós-modernidade, são muitos os desafios feitos ao cristianismo, muitos dos quais envolvem diretamente duas questões: a cristológica e a soteriológica, duas faces de uma mesma moeda.⁹⁷² A grande pergunta de fundo é a seguinte: podemos considerar Jesus de Nazaré o único paradigma de salvação para toda a humanidade? É aqui que toda a questão cristológica vem à tona e, conseqüentemente, encontra o seu maior obstáculo, como já vimos no primeiro capítulo: fora de Jesus Cristo, não há salvação.⁹⁷³

Na pós-modernidade, nenhuma religião tem o direito de se achar a correta e a verdadeira e as demais falsas, nem inferiores. Todas têm a mesma presunção de verdade. A ação da Igreja é afetada pelo pluralismo religioso em sua abordagem e em seu conteúdo teológico. A estrutura teológica corre o sério risco de ser solapada; não há conceito de moralidade; não há contato com a pessoa de Jesus Cristo. Na verdade, o que temos são experiências superficiais. Deus foi transformado em algo absurdamente a ser consumido e portátil, de uso apenas pessoal. Cristo não vive, sobrevive. Jesus Cristo não é mais a verdade, o caminho, a vida, mas apenas mais um colocado ao lado de muitos outros.

No entanto, França de Miranda postula firmemente que a salvação só pode ser encontrada em Deus através de Jesus Cristo, seu Filho, sendo ofertada aos homens e mulheres pela poderosa e misteriosa ação do Espírito Santo.⁹⁷⁴

⁹⁷² Na verdade, são dois grandes desafios teológicos diante do Diálogo Inter-Religioso.

⁹⁷³ No entanto, na cristologia de corte pluralista, a encarnação de Jesus deve ser interpretada não como um fato histórico absoluto, mas como um mito da fé cristã, tendo, no teólogo John Hick, sua maior expressão. Cf. Hick é um teólogo muito produtivo e sua obra é muito vasta. Para maior aprofundamento do seu pensamento, citamos, aqui, apenas seus trabalhos relacionados à temática do DIR. HICK, John. *The Myth of God Incarnate*, London: SCM Press, 1993; *God Has Many Names*, London: Macmillian, 1980; *Whatever Path Man Choose is Mine*, In: J.HICK and B. HEBBLETHWAITE. *Christianity and Other Religions*, Fortress. Philadelphia, 1980.

⁹⁷⁴ MIRANDA, M. F. **O Cristianismo em face das religiões**. São Paulo: Loyola. pp. 96-104.

Segundo Amaladoss é possível haver várias manifestações ou revelações crísticas nas outras tradições religiosas. Ou seja, ele diz que Jesus é o Cristo, mas Cristo não é só Jesus, citando Panikkar.⁹⁷⁵ “O Jesus humano limita a ação divina do Cristo universal, que pode revelar-se, de outras formas, nas diferentes tradições religiosas”, diz Amaladoss. Nessa linha de pensamento, ele ainda afirma que, da mesma forma que Cristo é o caminho para os cristãos, assim também são Buda para os budistas, e Krisna ou Rama para os hindus.

A meu ver, há um paradigma bem mais sério que Amaladoss parece quebrar, que é o dogma de Calcedônia, de Jesus Cristo como Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem. Para Ele, ser único e universal se dá exatamente no fato de Jesus não poder conter a plenitude do Cristo. Ou seja, o Cristo está muito além do Jesus de Nazaré.⁹⁷⁶

Já E. Schillebeeckx situa a unicidade de Jesus dentro da linha da eleição de Israel, colocando Jesus Cristo como portador único e universal da salvação, aceitando, portanto, o dogma de Calcedônia, de que Jesus Cristo é Vero Deus e Vero Homem.⁹⁷⁷

No entanto, quanto à dimensão soteriológica, a teologia paulina diz: “Ele, Jesus Cristo, é a ‘Imagem do Deus invisível’ (Col 1,15). ‘Além disso, o plano divino de salvação é único e seu centro é Jesus Cristo’”.⁹⁷⁸ Na verdade, o ministério do homem só se torna verdadeiramente claro no mistério do Verbo encarnado.⁹⁷⁹ Ou seja, o primeiro Adão era figura daquele que haveria de vir, Jesus Cristo. Ele “é o homem perfeito, que restituiu, aos filhos de Adão, a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado”.⁹⁸⁰ Já não temos problemas com o fato de que o Espírito Santo opera e salva fora da Igreja, mas sempre em Jesus Cristo.

⁹⁷⁵ Ibidem. op cit. p. 411.

⁹⁷⁶ GUTHRIE, Shirley C. **Sempre se Reformando**. A Fé Reformada em um Mundo Pluralista. São Paulo : Pendão Real. 2000, pp. 34-41.

⁹⁷⁷ SCHILLEBEECKX, E. *Universalité unique d'une figure religieuse historique nommée Jésus de Nazareth*. (universidade única de uma figura religiosa histórica chamado Jesus de Nazaré). Artigo selecionado pelo professor da matéria para intercambiar com outros autores na elaboração do trabalho. Cf. SCHILLEBEECKX, E. Cristo, **Sacramento do Encontro com Deus**. Petrópolis. Vozes. p. 10.

⁹⁷⁸ DA 28.

⁹⁷⁹ GS 22.

⁹⁸⁰ GS 22.

O senso religioso do homem é reorientado em Jesus, tendo agora seu foco central e único no próprio Deus. Cristo, como representante de toda humanidade, promoveu sua libertação e abriu caminho para a plena e verdadeira realização religiosa do homem. A cruz, a ressurreição e a glorificação do Cristo são ápice de toda obra redentora do Filho, mas seu início fora na Encarnação. Sem a Encarnação não haveria salvação.⁹⁸¹ Na verdade, a Encarnação encontra sua culminância nos eventos finais da vida de Jesus, que o fizeram Senhor sobre todas as coisas. Ele fez-se sinal do Pai e ao mesmo tempo oferta cúltrica a Deus. Eis o grande mistério da salvação: Jesus, o Servo de Deus, que viveu plena e obedientemente Sua vocação, garantindo-nos a redenção, é glorificado junto ao Pai, vive como Cristo e Senhor.

Dentro dessa dimensão, não podemos perder de vista que todo valor soteriológico, em Jesus Cristo, reside na teologia da aliança ou teologia do pacto que Deus estabeleceu com seu povo. A teologia do pacto concentra-se em um grande pacto geral conhecido como pacto da graça. Alguns o tem denominado pacto da redenção.⁹⁸² Ele é definido por muitos como um pacto eterno entre os membros da Trindade, incluindo os seguintes elementos: (1) o Pai escolheu um povo para ser Seu; (2) o Filho foi designado, com seu consentimento, para pagar o preço desse povo; e (3) o Espírito Santo foi designado, com seu consentimento, para aplicar a obra do Filho ao seu povo escolhido. Ou seja, a Trindade completamente envolvida em toda a extensão da obra redentora, não apenas do homem, mas também de toda a criação.⁹⁸³

Creio que o grande desafio é integrar sem perder a identidade cristã. Concordo, ainda que, em parte, com o teólogo acima quando este declara que o cristianismo deve ter duas posturas adequadas diante da cultura religiosa pós-moderna: em primeiro lugar, a manutenção de que o cristianismo tem a revelação definitiva de Deus em Jesus Cristo, mas que precisa aprender com as demais tradições religiosas; em segundo lugar, a verificação em que as demais tradições religiosas têm a oferecer ao cristianismo em termos de verdade salvífica.⁹⁸⁴

⁹⁸¹ *Institutas*, Edição Especial, Vol. II, pp. 209-211.

⁹⁸² *Institutas*, Edição Especial, Vol. II, pp. 172,173.

⁹⁸³ *Institutas*, Edição Especial, Vol. II, p. 170.

Caminho também na direção do postulado da Igreja Romana que diz que o diálogo em nada substitui o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo. O documento Diálogo e Anúncio afirma que a missão evangelizadora da Igreja se expressa através da presença e testemunho, empenho pela promoção social e pela libertação do ser humano, por uma vida litúrgica, incluindo oração e contemplação, diálogo inter-religioso, anúncio e catequese.⁹⁸⁵

5.3

O Querigma Libertário: Libertação do Ser Humano diante dos Desafios da Pós-Modernidade

A teologia como um todo e, especialmente, a reformada tem profundo interesse com a questão antropológica, visto que fazer e refletir teologia significa exatamente tratar sobre a revelação de Deus e suas relações com o universo e, especificamente, com o homem. Deus deu ao Seu povo a Sua Palavra, a revelação escriturada e enviou-nos a Palavra Encarnada, Jesus Cristo, que se tornou o centro da vida e da mensagem cristãs. Portanto, o querigma libertário, vivido e anunciado pela Igreja, carrega em si o poder de libertar o ser humano de todas as estruturas que o oprimem, em todos os tempos, inclusive nesse tempo epocal chamado pós-moderno.

Assim, nas próximas páginas, veremos o homem como ser alienado de Deus, no contexto da pós-modernidade e, ato contínuo, alvo do Evangelho libertador que é Jesus Cristo, este mesmo homem como nova criação de Deus, agora tirado do mundo e devolvido ao mundo para viver a nova realidade do Reino.

⁹⁸⁴ Ibidem. p. 123.

⁹⁸⁵ DA, pp. 5,6.

5.3.1 O Homem como Ser Alienado de Deus

Primeiramente queremos afirmar que, da condição de criatura íntima de Deus, criado à sua imagem e semelhança, após a queda, o homem rompeu sua relação com Deus, tornando-se um errante. Saiu da condição de *aliado* de Deus para viver *alienado* de Deus e em constante rebeldia. No homem, residia o resplendor da glória do Criador, bem como de toda a criação. Muitas qualidades de Deus eram perfeitamente refletidas no homem.

Ao homem foi dada a função de administrador, de guardião da terra. Sujeito a Deus e administrador da terra. Sua liberdade estava nessa tensão dialética, ou seja, na dinâmica da absoluta sujeição a Deus pela via da graça e mordomo das coisas criadas por Ele. “O homem foi investido mestre e senhor na terra com a condição de que estivesse sempre sujeito a Deus”.⁹⁸⁶

Sabemos, pelas Escrituras, que o homem procedeu das mãos de Deus sem mácula, marcado tão somente pela imagem e semelhança do Criador. No entanto, sua natureza sofreu terrivelmente pela queda, que afetou todas as suas faculdades, rompendo-lhe, sobretudo, sua capacidade de reconhecer o Criador e estabelecendo uma ruptura abissal com Deus. Ao pecar, o primeiro homem destruiu os dons sobrenaturais, como por exemplo “a fé, o amor de Deus, a caridade, o zelo pela santidade e a retidão”.⁹⁸⁷ Não apenas sua saúde espiritual foi afetada, mas também sua saúde física. A imagem de Deus, no homem, foi destruída, não aniquilada, mas encontra-se num estado de fragmentação, estando ela enfraquecida, na linguagem de Calvino.⁹⁸⁸

Calvino é bastante contundente em suas assertivas quanto ao estado do homem, afirmando que “todas as partes da alma foram possuídas pelo pecado depois que Adão desertou da fonte de justiça”.⁹⁸⁹ Ainda mais, “o homem todo está inundado – como por um dilúvio – da cabeça aos pés, de modo que nenhuma de suas partes está imune ao pecado e tudo o que dele procede deve ser atribuído ao pecado”.⁹⁹⁰

⁹⁸⁶ BIÉLER, André. *O Pensamento Social e Econômico de Calvino*, op. cit., p. 264.

⁹⁸⁷ FERREIRA, Edijéce Martins. *A Ética de Calvino*. op. cit., p. 25.

⁹⁸⁸ *Institutas*, livro II, ii, 12.

⁹⁸⁹ *Institutas*, livro II, i, 9.

Assim, mesmo possuído de valor diante de Deus, salvificamente esta é a sua triste situação. Ora, não podemos afirmar que Calvino tenha negado qualquer bem no homem, apenas que a imagem de Deus, em sua existência, tornou-se estilhaçada.⁹⁹¹

Ao mesmo tempo em que Calvino traz severas afirmações sobre a realidade do homem, ele afirma que o pecado não pertence à natureza original do ser humano, não sendo um elemento intrínseco à constituição humana. Ele afirma que o homem é pecador e está “sujeito à necessidade de pecar”,⁹⁹² o que “não significa que a substância do seu corpo e da sua alma é má, pois somos criaturas de Deus”.⁹⁹³ Temos aqui, paradoxalmente, uma beleza teológica. Ou seja, o mal precisa ser visto como algo *ex depravatione*, e não *ex creatione*; *ex natura corruptione*, e não *ex natura*.⁹⁹⁴ As precisas palavras de Niebuhr são elucidativas, pois afirma que a queda não tornou a natureza boa do homem em “má, como algo que não devia existir, mas pervertida, torta e sem direção”.⁹⁹⁵ O pecado diz respeito a uma esfera estritamente religiosa, ou seja, trata da relação do homem com Deus, sendo uma terrível ofensa contra o Criador. Daí sua preferência pela palavra desobediência, aproveitando-se, também, de Agostinho, quando trata do pecado como orgulho, mas não abre mão de que “a desobediência foi o começo da queda”.⁹⁹⁶

Entretanto, Calvino jamais classificou o pecado humano como apenas uma deformação moral ou fruto de sua ignorância. Impõe-se, portanto, em nossos dias, uma antropologia restaurativa, que não apenas denuncie o estado em que se encontra o homem, revelando que o pecado diz respeito à vontade humana, mas que aponte o caminho da redenção, da remissão, na pessoa de Jesus Cristo.⁹⁹⁷

⁹⁹⁰ *Institutas*, livro II, i, 9.

⁹⁹¹ *Institutas*, livro II, i, 9.

⁹⁹² *Institutas*, livro II, ii, 11.

⁹⁹³ *Institutas*, livro II, iii, 5.

⁹⁹⁴ WARFIELD, Benjamim Breckinridge. *Calvin and Calvinism*, p. 292.

⁹⁹⁵ NIEBUHR, H. Richard. *Christ and Culture*, p. 194.

⁹⁹⁶ *Institutas*, livro II, i, 4.

A alienação do homem de Deus se dá pela sua condição de pecador, não sendo um pecado meramente moral, mas essencialmente espiritual, que é a deliberada vontade de viver independente de Deus, desprezando-O. Após o rompimento da aliança com Deus, o homem lançou sobre toda a sua descendência a condição de pecadora, por natureza. Logo, todo ser humano está alienado de Deus. No entanto, a condição atual do homem trata-se não de sua natureza original. Por mais que esta tenha sido afetada pelo pecado, Calvino não o nega, ao contrário, o reafirma, pois evidencia o acidente cometido, mas, ao mesmo tempo, a graça restauradora. O próprio Calvino diz:

Esta perversão não é de sua natureza. Negamos que seja ela de natureza, a fim de mostrar que é antes uma qualidade sobrevinda ao homem e não uma propriedade de substância, que nele haja sido arraigada desde o princípio.⁹⁹⁸

Importante ressaltar que o pecado humano não suprime o homem de sua responsabilidade, visto que é um ser moral. Antes da Queda, “o entendimento era são e integral, a vontade livre para escolher o bem”.⁹⁹⁹ Sendo assim, o pecado afeta todo o homem: inteligência, vontade, corpo e espírito, sem qualquer dualismo.

Por outro lado, mesmo alvejado pelo pecado, o homem ainda reúne condições de organizar-se socialmente pela via dos dons naturais. Nessa dimensão, temos “a doutrina política, a maneira de bem governar a casa, as artes mecânicas, a filosofia e todas as disciplinas que se chamam liberais”.¹⁰⁰⁰ Nasce daí a noção de Estado. Com os dons naturais, mesmo sendo dados por Deus, continua o homem necessitado de uma ação especial de Deus. Do contrário, caminha ele na direção da morte, alienação definitiva de Deus. “Agora, temos horror à morte, primeiramente, porque é um aniquilamento no que concerne ao corpo e, depois, porque a alma sente a maldição de Deus”.¹⁰⁰¹ O reformador faz o seguinte comentário:

⁹⁹⁷ *Institutas*, livro II, ii, 27.

⁹⁹⁸ *Institutas*, livro II, cap. 1 § 11.

⁹⁹⁹ *Institutas*, livro II, cap. XV § 8.

¹⁰⁰⁰ *Institutas*, livro II, cap. II § 13.

¹⁰⁰¹ *Pentateuco*, (Gn. 2.17).

Ainda que o homem esteja corrompido, contudo o Criador celeste retém sempre diante de Si o fim de Sua criação. Verdade é que, se apenas para os homens se atenta, não são eles dignos de que Deus deles faça caso. Mas, em razão do fato de que neles está gravada a imagem de Deus, Deus considera o mal e a violência feitos à pessoa deles como feitos a Si Próprio. Assim, embora os homens nada tenham próprio para granjear a graça de Deus, atenta Ele para Seus dons e benesses neles subsistentes, para ser incitado a amá-los e ter-lhes solicitude.¹⁰⁰²

Embora condenado à morte, resultado de seu pecado, Deus manifesta a sua graça salvadora, sendo, portanto, a antropologia bíblica e calvinista extremamente realista, mas essencialmente esperançosa.

Na esteira do niilismo pós-moderno, em que a sociedade vive o ideal consumista absoluto, encontramos, para tristeza do bom testemunho do cristianismo, muitas vertentes evangélicas que sacrificam o conteúdo do Evangelho em busca de poder. As forças do mercado afetam diretamente a ação proclamadora do Evangelho. É exatamente nesse momento de perda de sentido existencial que os cristãos são chamados, antes de tudo, a centralizar Cristo em suas vidas, a fim de que sejam, de fato, vistos como discípulos do Cristo ressurreto, único capaz de revelar o amor e a verdade de Deus, que salva e liberta integralmente o ser humano. Somos desafiados a confrontar esse tipo de mercado religioso que temos hoje. Constatando tal realidade, Comblin afirma que,

[...] atualmente, há um mercado religioso. Há muita demanda religiosa e muitas religiões oferecem métodos de terapias religiosas ou caminhos para a felicidade. Daí a tentação de entrar nessa competição. Quem quer fazer sucesso procura temas cristãos que possam triunfar no mercado, satisfazendo a uma demanda. Há uma tendência muito forte nesse sentido por parte dos movimentos carismáticos e mesmo dos movimentos nascidos na geração passada. Oferecem um evangelho 'ao gosto do consumidor' – como dizia um sacerdote missionário ancião que viveu muitos anos no Brasil.¹⁰⁰³

¹⁰⁰² *Gênesis*, (Gn 9.3).

¹⁰⁰³ COMBLIN, José. *Vocação para a Liberdade*. São Paulo: Paulus. 1998, p. 10.

O Evangelho anunciado não pode ter a pretensão de suprir apenas as carências e desejos superficiais do homem atual. É imperioso alcançar o *ethos* mais profundo do ser humano, que clama por uma verdadeira libertação.¹⁰⁰⁴ Necessitamos urgentemente de cristãos alcançados por esse Evangelho, com uma profunda vivência de libertação e transformação, a fim de que sejam eles instrumentos de Deus na história, agindo como fermento “*de uma nova sociedade no mundo*”.¹⁰⁰⁵

Calvino possuía um grande conceito acerca do homem, como criatura de Deus, a despeito de seu distanciamento do Criador, por conta do pecado. Embora possa parecer aqui e acolá, Calvino nunca foi um nacionalista ou sectário. Para ele, todos os homens traziam, em si, a imagem do Pai. Pensando assim, ele enviou missionários protestantes em 1556 ao Brasil, ainda que com um grupo de colonizadores.

5.3.2 O Homem como Nova Criação de Deus na Sociedade

A liberdade do homem consiste no cumprimento da vontade de Deus. A liberdade por meio da dependência a Ele, entretanto, não lhe foi suficiente, posto que deseje a autonomia sem submissão. No entanto, “ser homem é primária e essencialmente viver para Deus, viver por Deus, viver com Deus, ser e permanecer unido com seu Criador”.¹⁰⁰⁶

Uma das grandes belezas do pensamento do reformador genebrino é o fato de que, ao contrário do que dizem, sua teologia enaltece o valor do homem diante de Deus, pela obra da redenção. Ele afirma: “A grandeza da graça adquirida por Jesus Cristo é bem mais vasta que a magnitude da condenação em que o gênero humano foi envolvido pelo primeiro homem”.¹⁰⁰⁷

¹⁰⁰⁴ SOLONCA, Paulo. **Inovando uma Igreja Tradicional**. In.: J. Scott Horrell (Editor). *Ultrapassando Barreiras*. São Paulo: Vida Nova, p. 121.

¹⁰⁰⁵ COMBLIN, José, op. cit., p. 11.

¹⁰⁰⁶ BIÉLER, André. **O Pensamento Social e Econômico de Calvino**, op. cit., p. 263. Cf. *Institutas*, livro II, cap. I § 5.

¹⁰⁰⁷ *Romanos*, (Rm 5.15).

O homem por sua livre vontade fracassou, mas Deus jamais fracassou e, por Sua misericórdia, buscou restabelecer a primeira condição humana. Lemos então que era

[...] necessário que uma nova aliança fosse feita, certa, segura e inviolável. E para estabelecê-la e confirmá-la, necessidade havia de um mediador que intercedesse e se interpusesse entre as duas partes para fazê-las entrar em acordo, sem o que permaneceria sempre o homem sob a ira e indignação de Deus e nenhum meio havia de livrar-se de Sua maldição, miséria e confusão em que se havia chafurdado. Era Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, verdadeiro e único eterno filho de Deus, que devia ser enviado e dado aos homens pelo Pai, para ser restaurador do mundo, de outra sorte derruído, destruído e desolado, em quem desde o princípio do mundo tem sempre residido a esperança de recobrar-se a perda sofrida em Adão.¹⁰⁰⁸

Por isso, desde a Queda do primeiro Adão até a chegada do segundo Adão, Deus revelou-se ao homem, dando-lhe condições de conhecê-lo, até que chegasse a plenitude dos tempos. Mostrou-Se à humanidade através de homens escolhidos, estabelecendo com estes um pacto, uma aliança, até que, com o povo de Israel, pactuou-Se de modo particular.

Vejamos tal fato:

Fez Deus ouvir Sua voz de maneira especial a determinado povo, ao qual, de Seu próprio bem querer e de Sua graça liberal, elegeu dentre todos os povos da terra. São os filhos de Israel, aos quais, por Sua Palavra, mostrou claramente quem Ele era e, por Suas obras maravilhosas, declarou que haveria de fazer, pois que os retirou da sujeição [...]. Sustentou-os no deserto. Fê-los possuidores da terra prometida; deu-lhes vitórias e triunfos. E como se nada tivesse sido às demais nações, quis ser expressamente chamado o Deus de Israel e ser este constituído Seu povo [...]. E essa aliança foi confirmada e passada sob instrumentos autênticos do testamento e testemunho que lhes conferiu.¹⁰⁰⁹

¹⁰⁰⁸ OC, tomo IX, p. 797.

Numa sociedade cada vez mais antropologizada, onde a mediação salvífica começa e termina no homem, faz-se necessário e urgente anunciar a salvação como essencialmente ação de Deus. Sob o domínio do pecado, somente através do dinamismo de Deus é que o homem encontra genuína salvação e, conseqüentemente, libertação. Portanto, há uma imprescindível e absoluta ação de Deus. A salvação do homem se dá pela ação Divina, pela sua graça. A ela o homem responde numa relação de amor e compromisso, tornando-se verdadeiro discípulo de Jesus Cristo. O pecado traz a conseqüência da escravidão (Rm 6, 15-23; 7, 14-25), pois potencializa a prática do egoísmo, que aprisiona a liberdade “e a faz impotente para o amor”.¹⁰¹⁰ Por isso o homem pecador torna-se servo do pecado, pois nele perdeu a sua liberdade.

Uma das grandes conseqüências da salvação, realizada por Deus e mediatizada por Jesus Cristo e atomizada pelo Espírito Santo, é a libertação da liberdade humana, a sua salvação, sendo o primado da salvação de Deus, que o tira de toda sorte de egoísmo e o remete à consciência de que a sua volta há um mundo acontecendo e de que o exercício de olhar para o próximo torna-se uma *chave exegética* de liberdade, na medida em que sua vida é canalizada para a prática da justiça e da solidariedade. O homem não é livre para se chegar à salvação, mas, justificado por Deus, encontra o caminho da liberdade soteriológica e, assim, torna-se um colaborador de Deus na expansão do Reino, que envolve o dismantelar das sutilezas do pecado, a prática da justiça, a vivência do amor-solidariedade, resultado direto da mudança do seu *ethos* humano pelo doce poder do Evangelho.

Uma das grandes belezas de Calvino que precisamos resgatar e atualizar é o fato de que ele não vê o homem como sendo o fim da história, ao contrário, embora tenha convicção, como já afirmamos, da pecaminosidade humana e que nele ainda há a imagem de Deus, o homem pode ser restaurado em seu *ethos* original, voltar à bem-aventurança. Há diversas menções sobre a bondade do homem, fruto dos dons concedidos por Deus.

¹⁰⁰⁹ OC, tomo IX, p. 795. Cf. **Oeuvres Choises**, op. cit., p. 186.

¹⁰¹⁰ MIRANDA, Mário de França. **Libertados para a Práxis da Justiça**. A Teologia da Graça no Atual Contexto Latino-Americano. São Paulo: Loyola, 2002, p. 76.

Entretanto, somente através da redenção, realizada por Cristo Jesus, é que o homem emerge das cinzas da desumanização, tendo uma nova atitude para com a vida. Na verdade, através de Cristo, pela operação do Espírito Santo, Deus restaura a vontade inclinada ao mal, a redireciona e realiza, em nós, o seu querer. Ou seja, a imagem de Deus no homem é completamente restaurada em e através de Cristo.¹⁰¹¹

A visão antropológica de Calvino é tremendamente influenciada pelos ideais do NT. No que diz respeito ao amor, ele afirma que o discípulo de Jesus Cristo não deve praticar o amor próprio, que seria o amor egoísta, egocentralizado. Chega a dizer que tal amor é uma “peste terrivelmente moral”.¹⁰¹² Por isso que “é muito claro que nós guardamos os mandamentos, não amando-nos a nós mesmos, mas amando a Deus e ao próximo”.¹⁰¹³

Para o reformador genebrino, o amor dos discípulos deve ser primeiro a Deus, ao próximo e, só depois, amor pessoal. E mais, nosso amor a Deus é demonstrado no serviço ao próximo. Calvino ainda afirma que “vive a vida melhor e mais santa quem vive e luta por si mesmo o menos que pode; e ninguém vive pior e de modo mais pecaminoso do que quem vive e luta só por si, ou pensa e busca apenas seus interesses”.¹⁰¹⁴ O reformador francês ainda declara o seguinte:

Devem colocar-se no lugar daqueles que vêm necessitar de sua assistência, e terem misericórdia do seu infortúnio, como se eles mesmos o experimentassem, de modo a se sentirem compelidos pelo sentimento de amor e humanidade e ajudá-los, como se o fizessem a si mesmos.¹⁰¹⁵

¹⁰¹¹ FORTE, Bruno. **A Essência do Cristianismo**. Petrópolis: Vozes. 2003, p. 71.

¹⁰¹² *Institutas*, livro II, vii, 4.

¹⁰¹³ *Institutas*, livro II, vii, 54.

¹⁰¹⁴ *Institutas*, livro II, vii, 54.

A vocação da Igreja é para sair de si mesma e caminhar na direção dos homens e mulheres, carecentes da graça maravilhosa de Jesus Cristo, anunciando a verdadeira mensagem do Evangelho, única capaz de ofertar sentido de vida, num mundo sem sentido, vivendo o seu niilismo pós-moderno. Portanto, “a Igreja não pode esquivar-se de apresentar todo o evangelho ao homem todo e a todo *homem*”.¹⁰¹⁶ A Igreja é um resultado e ao mesmo tempo uma participante do projeto de salvação de Deus. Assim, a missão da Igreja é, essencialmente, a sua participação no processo redentivo que Deus está executando na História.¹⁰¹⁷

Segundo a Palavra de Deus, o homem precisa ser visto pela Igreja numa perspectiva integral. O Evangelho, pregado pela Igreja Primitiva, era holístico, ou seja, integral, cujo objetivo era alcançar o homem em todas as suas dimensões.¹⁰¹⁸

Esta é a razão pela qual precisamos entender que a ação querigmática da Igreja implica falar do Libertador que liberta os cativos; implica falar de paz, mas apontando sempre para o Príncipe da Paz.¹⁰¹⁹ Se não for assim, a Igreja estará oferecendo algo sub-cristão. De igual forma, uma evangelização que não considera o homem como ser responsável pelas suas ações, proclama um Evangelho mutilado.¹⁰²⁰ O Evangelho que Jesus pregou conclama as pessoas a serem mais humanas, a se tornarem mais o que Deus deseja que elas sejam, não somente na vida futura, mas aqui e agora. A tarefa precípua da Igreja, a proclamação das Boas Novas só terá verdadeiro significado e resultado quando realizado por cristãos que tiveram verdadeiramente um encontro pessoal com a pessoa de Jesus Cristo. Portanto, se o alvo da Igreja é fazer novos discípulos, somos desafiados a viver, em primeiro lugar, como verdadeiros discípulos.

¹⁰¹⁵ *Institutas*, livro II, iii, 7.

¹⁰¹⁶ Tal expressão é fruto do Congresso Internacional de Evangelização Mundial realizado em Lausane, Suíça, em 1974. Posteriormente foi reafirmada em novo Congresso realizado em Manila, nas Filipinas, em 1991. Cf. **A Missão da Igreja no Mundo de Hoje**. São Paulo: ABU / Visão Mundial.

¹⁰¹⁷ NASSER, Antonio C. **A Igreja Apaixonada por Missões**. Uma Aplicação da Teoria do Óbvio ao Relacionamento das Igrejas e Agências Missionárias. São Paulo: Abba. 1995, pp. 11-25.

¹⁰¹⁸ CAVALCANTI, Robinson, op. cit., pp. 42-45.

¹⁰¹⁹ CAVALCANTI, Robinson, op. cit., p. 44.

¹⁰²⁰ *Ibidem*, pp. 87 passim.

Pelo Evangelho de Jesus Cristo, o homem encontra o dom de Deus, ofertado em Cristo, que, recebido pela fé, o conduz à liberdade cristã – liberdade que é o caminho que conduz à vida cristã. Por sua vez, o novo homem redimido assume compromisso com a Palavra de Deus, que não o condiciona à reclusão espiritual, ao contrário, numa ação de fluxo e refluxo, a Palavra que o liberta, o liberta para a prática da Palavra, testemunhando o Cristo ressurreto, fundamentalmente na demonstração de amor ao próximo.¹⁰²¹

Portanto, segundo Calvino, este novo homem, livre pela libertação alcançada em Cristo, já não é mais prisioneiro de qualquer instituição ou sistema religioso, que venha, porventura, descaracterizar o Evangelho a ponto de transformá-lo em uma lei camuflada. Aprender e experimentar tal liberdade torna-se vital para o homem, visto que sem este conhecimento, as superstições não terão fim.¹⁰²²

Assim, na linguagem de Calvino, o mais importante é “que de nossa liberdade se impõe usar, se à edificação do nosso próximo [isso] conduz; se, no entanto, assim ao próximo não convenha, então, dela há de abster-se”.¹⁰²³ Portanto, a liberdade outorgada àquele que nasceu de novo é “para que mais pronto esteja para todos os deveres da caridade”.¹⁰²⁴ A nova criação de Deus, em Cristo Jesus, vive a liberdade na medida do seu comprometimento com o próximo, na dinâmica do amor.

Na verdade, o Evangelho libertador promove o ser humano, restaurando o seu *ethos* antropológico, alcançando todas as áreas de sua vida, fazendo-o experimentar o verdadeiro amor, resultado de sua transformação interior e exterior, dando-lhe, assim, condições de exercitar a liberdade sempre na direção do amor e da responsabilidade. Nessa linha de pensamento, Croato afirma que:

Quando nos libertamos da lei, crescemos no amor. O Homem Novo é livre de dentro (pelo amor que desaloja o egoísmo), de fora (da lei-limitação e não criativa) e para diante (da morte como limite ontológico).¹⁰²⁵

¹⁰²¹ LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**. Vol 2. op.cit. p. 435.

¹⁰²² *Institutas*, livro III, cap. 19, seção 7.

¹⁰²³ *Institutas*, livro III, cap. 19, seção 12.

¹⁰²⁴ *Institutas*, livro III, cap. 19, seção 12.

¹⁰²⁵ CROATO, Severino. **Êxodo: uma hermenêutica da liberdade**. São Paulo: Paulinas, 1981, p. 169. Cf. FORTE, Bruno. **A Essência do Cristianismo**. Petrópolis: Vozes. 2003, p. 56.

Dessa forma, alcançado pela graça salvadora de Jesus Cristo, o homem, livre do pecado e de suas amarras, vive, agora, na liberdade do amor e da justiça. Na verdade, a salvação operada por Deus, em Cristo Jesus, desemboca numa práxis comprometida com o Reino de Deus. O cenário onde a salvação se desenvolve é o palco da existência humana. O Reino emerge em meio as contradições da história humana, com suas marcas de amor e justiça. Sendo a salvação do homem puro dom de Deus, tendo a mais clara iniciativa de Deus, por meio de Jesus Cristo. Há, no homem, toda sorte de capacitação, operada pelo Espírito Santo, a fim de que ele viva na perspectiva de Cristo, evidenciando o Reino acontecido e acontecendo em sua vida e na história humana.¹⁰²⁶

Toda ação do ser humano regenerado na direção do próximo torna-se expressão concreta da ação salvífica de Deus em Cristo Jesus. Nesse sentido podemos afirmar, mais uma vez, que a Igreja, na visão reformada, possui uma dimensão sacramental, como sinal do Reino e de todo ministério de Jesus Cristo e na medida em que mediatiza a graça de Deus no amor ao próximo. Visto que Jesus Cristo foi mediação humana da salvação ofertada pelo Pai ao homem, somos também a continuação do ministério de Cristo, como seu Corpo, entre os homens e as mulheres que, desprovidos da graça de Deus, são apresentados ao dom inefável, possibilitados, igualmente, a libertação da liberdade a fim de que vivam a liberdade do Evangelho.

¹⁰²⁶ MIRANDA, Mário de França, op. cit., p. 86.

5.4

A Soteriologia Calvinista sob o Paradigma do Querigma Libertário diante dos Desafios da Pós-Modernidade

A soteriologia enfrenta sérios desafios no mundo pós-moderno, visto que hoje a salvação não depende exclusivamente de Jesus Cristo, pois Deus, segundo a atual concepção, há de salvar os homens independentemente de Jesus Cristo. A ação salvífica de Deus acontece em todos os credos religiosos, mesmo que seja fora do paradigma cristológico.¹⁰²⁷ Portanto, a fé salvadora em Jesus Cristo já não é mais o único caminho de salvação. Portanto, na perspectiva soteriológica, veremos alguns desafios pós-modernos que precisam ser superados.

5.4.1

A Soteriologia e os Desafios da Pós-modernidade

Contra todo possível fracasso da modernidade e da pós-modernidade, não podemos abrir mão de nossa maior utopia, ou seja, anunciar as Boas Novas capazes de libertar total e integralmente o homem. Na falência das ideologias modernas e pós-modernas, eis a grande oportunidade da Comunidade da Fé: viver e proclamar a mensagem do Reino de Deus. Do contrário, praticaremos uma fé imobilizadora e imobilizante.¹⁰²⁸ Diante dos desafios da pós-modernidade, o anúncio da mensagem tem sofrido muitos ataques em seu conteúdo, em que o Evangelho acaba sendo relativizado, diluído demasiadamente.

O querigma anunciado pela força do Espírito Santo tem o poder de quebrar todo tipo de pessimismo da cultura pós-moderna, sobretudo a frustração das emoções, em que essas vias se tornaram novos caminhos até Cristo. Nessa trajetória pós-moderna de profundas mudanças culturais, encontramos, com muita frequência, cristãos em busca de um Jesus alienado de nossa realidade histórica, ou seja, um Jesus que satisfaça os desejos imediatos e superficiais do homem.

Busca-se um Jesus cada vez mais afetivo, uma espécie de objeto do desejo religioso, capaz de exercer a dinâmica da retribuição, compensando todas as necessidades e frustrações humanas.¹⁰²⁹

¹⁰²⁷ OKHOLM, Dennis. *Four Views on Salvation in a Pluralistic World*. Inter-varsity Press, 1997, p. 12.

¹⁰²⁸ SUNG, Jung Mo. *Deus numa economia sem coração*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 122.

¹⁰²⁹ COMBLIN, José, op. cit., p. 37.

A religião pós-moderna é tipo *produto de consumo*. Vive-se uma religiosidade que descarta o transcendente, inclusive Deus.¹⁰³⁰ Trata-se, na verdade, de uma religião da emoção, que a tudo descarta, sempre em busca de uma nova sensação, norteadas, é claro, pela força do econômico.

Temos o desafio de assumir uma das maiores – senão a maior – verdade do cristianismo, ou seja, Jesus Cristo como o Messias, que irrompeu a história e não só revelou, mas demonstrou, em atos e palavras, os sinais concretos da presença do Reino de Deus no palco da Humanidade. A experiência da ressurreição de Jesus é o fundamento de toda esperança cristã. É uma esperança que se concretiza na história, mas que só alcançará sua plenitude na parusia.¹⁰³¹

Diante desse tempo epocal, o cristianismo tem a tarefa de, mais do que nunca, reafirmar o eixo central de sua história da salvação. Mas não só reafirmar. É preciso encontrar os caminhos mais viáveis para anunciar tal declaração de fé. Ou seja, o cristianismo como religião da cruz e da ressurreição através de Jesus Cristo encerra definitivamente dois grandes mistérios de Deus na história: sua luta e vitória contra o mal na realidade humana e, oferecido ao homem, que deve ser acolhido pela fé no Cristo ressuscitado. Eis a tarefa principal de tornar o cristianismo uma religião singular entre todas as outras.¹⁰³²

Por sua vez, Gaudium et Spes afirma que “os homens nunca tiveram um sentido de liberdade tão agudo como hoje.”¹⁰³³ Há uma declaração tremenda de um teólogo e filósofo russo, Nicolas Berdiaeff que diz:

A liberdade levou-me a Cristo e não conheço outro caminho que possa levar a ele. Não sou o único que tenha passado por essa experiência. Todos os que deixaram o cristianismo-autoridade somente poderão voltar a um cristianismo-liberdade.¹⁰³⁴

¹⁰³⁰ Cf. Revista Esprit (Paris), junho de 1997: Le temps des religions sans Dieu. Ver também Gianni Vattimo, em *Credere di credere*, Garzanti, 1996.

¹⁰³¹ SUNG, Jung Mo. **Deus numa economia sem coração**. São Paulo: Paulus. 1992, pp. 123,124.

¹⁰³² QUEIRUGA, Andrés Torres. **Fim do Cristianismo Pré-Moderno**. São Paulo: Paulus. 2003, pp. 125-127.

¹⁰³³ GS 4d.

¹⁰³⁴ BERDIAEFF, Nicolas. **Esprit et Liberté**. Paris: Desclée. 1984, p. 27.

Sabemos que o pluralismo pós-moderno é caracterizado pelo desmantelamento das estruturas tradicionais, numa quebra de praticamente todos os paradigmas do passado, numa total inversão de valores. Há muito que comemorar na sociedade pós-moderna, com muitos aspectos libertadores, como por exemplo, a questão do Diálogo Inter-Religioso. Entretanto, é preciso um olhar crítico sobre tal fenômeno, como qualquer outro, a fim de que percebamos suas luzes e suas sombras.

No entanto, há muitos perigos gerados pela civilização pós-moderna. Como já afirmamos, um deles é que não há mais *verdade*, mas *verdades*, nas quais cada pessoa busca adequar-se à verdade que lhe convém. Constatamos, com isso, uma inconsistência constante por parte do ser humano e, no campo teológico, acontece exatamente a mesma coisa.

Outra questão séria também comentada no primeiro capítulo, é a questão do pragmatismo. Busca-se, em nossa sociedade, o que funciona e não necessariamente o que funciona como fruto da pesquisa, mas apenas com aquilo que é politicamente correto. Setores da religiosidade atual aderiram a esse tipo de pragmatismo, pois o que se percebe não é a busca pela verdade do Evangelho, mas simplesmente os resultados que as pessoas podem alcançar com tal prática religiosa. O importante e válido é a *performance* em função dos métodos aplicados. Veja um importante depoimento sobre a proposta pós-modernista:

Não mais verdade, mas realização — não mais aquela pesquisa que conduz à descoberta de fatos verificáveis, mas aquela espécie de pesquisa que funciona melhor, onde o funcionamento melhor significa produzir mais [...]. A universidade ou a instituição de ensino não pode, nestas circunstâncias, estar preocupada em transmitir conhecimento em si mesmo, mas ela deve estar presa, sempre mais estreitamente ao princípio da realização — de forma que a questão levantada pelo professor, pelo estudante ou pelo governo, não deva ser mais esta: Isto é verdadeiro? Mas funciona? Ou qual é o proveito disso?¹⁰³⁵

¹⁰³⁵ CONNOR, Steven. **Postmodernist Culture**. Blackwell, 1989, pp. 32-33.

O problema do pragmatismo é a dogmatização da experiência, sobretudo aquela que funciona. Com isso, as verdadeiras doutrinas da fé cristã vão perdendo seu valor, pois o importante nesse cenário religioso, genuinamente utilitarista, são as experiências, ainda que em detrimento da tradição cristã. Há uma relativização de tais verdades em função do derretimento da fé. Sabemos de sua importância, mas quando ela se torna paradigmática, eis o grande perigo, principalmente pelo fato de que o ser humano, vivendo sob essa nova cultura, só consegue enxergar os resultados finais ou os supostos benefícios.

Outro grande desafio a ser enfrentado pelo querigma libertador do Evangelho é a prática de um sentimentalismo em detrimento de qualquer tipo de racionalidade. A sociedade pós-moderna quis romper radicalmente com o racionalismo do Iluminismo e caiu no extremo oposto, o sentimentalismo. A razão já não é mais a medida de todas as coisas. O axioma agora é: *se eu sinto, logo existo*. Decorre daí uma prática muito comum, ou seja, o que importa é que o indivíduo sinta-se bem em tudo que realiza. Então, a oferta religiosa parte desse pressuposto, ancorado na cultura consumista, que afirma que adquirimos para o nosso bem estar.

Como consequência direta do sentimentalismo, num mundo marcado pelo pluralismo, onde vivemos o reino das opções, com ofertas para todos os paladares, encontramos o consumismo, tendo como uma de suas causas e consequências, ao mesmo tempo, o superficialismo em que vive o homem. A sociedade é movida também pelo poder do econômico que gera uma cultura altamente utilitarista. Podemos atribuir essa dimensão da sociedade pós-moderna a ausência de verdade objetiva. "O pós-modernismo encoraja uma mentalidade de consumismo, fornecendo às pessoas o que elas gostam e querem."¹⁰³⁶

Como não poderia deixar de ser, tal verdade tem afetado diretamente a dimensão teológica e, por que não dizer, os estilos litúrgicos. A subjetividade alcançou também a dimensão da fé cristã. Os estilos litúrgicos e os aspectos teológicos tornaram-se produtos do grande supermercado religioso. Como não há uma aderência verdadeira à fé cristã, os produtos religiosos precisam mudar constantemente para atender as exigências dos novos consumidores, que cativos à nova cultura, vivem numa busca constante de novas experiências.

¹⁰³⁶ VEITH, Gene Edward. *Postmodern Times*. Crossway Books. 1994, p. 212.

Na verdade, muitos segmentos evangélicos têm relativizado o conteúdo do Evangelho, prostituindo-se, criando com isso, uma eclesiologia deformada e um Evangelho sem seu verdadeiro conteúdo bíblico.¹⁰³⁷

Portanto, a doutrina da salvação é elemento intrínseco ao ser humano, desde a sua queda. O termo grego *soter* significa *salvação*. Tal palavra vem de *sotería*, cujo significado é *salvação, livramento*. Trata-se, portanto, da teologia da salvação. Em outras palavras, a soteriologia designa a restauração do ser humano como fruto da graça de Deus em sua vida e da nova vida que o homem estabelece com Deus, por meio de Jesus Cristo, pela ação do Espírito Santo. Nessa perspectiva, podemos afirmar que há duas dimensões da doutrina soteriológica, ou seja, uma que trata de toda obra redentora de Jesus Cristo, conhecida como *soteriologia objetiva*. A outra dimensão diz respeito à ação do Espírito Santo na vida do ser humano, ou seja, seria a aplicação da obra redentora realizada por Cristo, chamada de *soteriologia subjetiva*.¹⁰³⁸

Embora tendo uma formação humanista, Calvino rejeitou duramente o humanismo meramente da Renascença, que separado da doutrina bíblica, transformava o homem no centro de todas as coisas, fazendo dele uma grande apoteose, como separado, independente de Deus e auto-suficiente. O grande símbolo do Renascimento pode ser o quadro de Miguel Ângelo, pintado no teto da Capela Sixtina do Vaticano: O homem recém criado, saindo da mão do Criador, para a sua independência!

Mesmo Calvino apreciando grandemente as realizações da cultura humana, para ele as criações culturais do homem merecem correções quando ficam distorcidas, pois o fim da cultura é também glorificar a Deus e realizar os propósitos que Deus estabeleceu para o homem.¹⁰³⁹

¹⁰³⁷ COLSON, Charles. **The Body: Being Light in Darkness** (Dallas, Texas: Word, 1992), pp. 44-47.

¹⁰³⁸ Apenas para esclarecimento, a doutrina cristológica discute sobre a pessoa de Jesus Cristo, enquanto a doutrina soteriológica versa sobre a ação redentora de Jesus Cristo.

Segundo Calvino, somente a obra redentora de Cristo Jesus é capaz de promover verdadeira libertação da liberdade e do pecado. Ele ainda afirma que a soteriologia trata-se da aplicação da obra redentora de Cristo, pelo movimento do Espírito, na vida do ser humano, e que a obra redentora de Cristo começou historicamente na encarnação, vida, obras, ensinamentos, milagres, morte expiatória.¹⁰⁴⁰

A doutrina da justificação pela fé reforça, na verdade, a tese soteriológica de que o homem, à parte de Jesus Cristo, permanece no pecado e que jamais encontrará caminho de volta ao Pai. A justificação pela fé, ao mesmo tempo, denuncia tal realidade humana e emerge deste fato, ou seja, a natureza do homem está decaída e, na sua essência, corrompida pelo pecado original e que, por sua própria vontade, nada pode realizar para alcançar o favor de Deus, muito menos pela prática das boas obras, visto que são apenas sinais da fé e não promotoras da fé. A salvação só pode ser alcançada pela graça mediante a fé.

A proclamação de tal verdade recoloca o homem no seu devido lugar, revela a graça salvadora de Deus em Cristo Jesus e revaloriza a pessoa humana, que salva pela graça, tem a imagem e semelhança de Deus restaurada em sua vida. Num contexto de plena avalanche religiosa, com claros sinais de manipulação do sagrado, a doutrina essencialmente bíblica, reformada e calvinista, ganha importância significativa e urgente necessidade em proclamá-la.

Então, somente olhando para Cristo Jesus é que será percebida a verdadeira natureza do homem. Calvino mesmo define o pecado da seguinte forma:

[...] uma depravação e corrupção hereditária de nossa natureza, difundida em todas as partes da alma que, em primeiro lugar, nos torna sujeitos à ira de Deus e, depois, também produz em nós aquelas obras que a Escritura chama de “obras da carne”.¹⁰⁴¹

¹⁰³⁹ Tradução-adaptação feita pelo Rev. Dr. Claude Emanuel Labrunie de artigo do Dr. Allan L. Ferrir, publicado na revista *Reformed World*, de setembro de 1974, pp. 107-115.

¹⁰⁴⁰ GEORGE, Timothy. **A Teologia dos Reformadores**. São Paulo: Vida Nova. (Original em inglês: *Theology of the Reformers* (Nashville: Broadman, 1988), pp. 185-223.

¹⁰⁴¹ *Institutas*, Vol. II, 2.1.8.

Por isso que o homem necessita de uma consciência plena de sua pecaminosidade a fim de que possa ouvir as boas novas de libertação do pecado através de Jesus Cristo, o que se dá pela ação interior do Espírito Santo em sua vida.¹⁰⁴²

Do ponto de vista soteriológico, Calvino afirma que a relação entre Deus e o homem tem como base o conhecimento que o homem tem do Criador, ou seja, quando ele se conhece à luz do conhecimento que tem de Deus, na pessoa de Jesus Cristo. O conhecimento acerca de Deus é obtido pelo homem através da revelação escriturística, viabilizada pela iluminação do Santo Espírito. Sem dúvida alguma que a liberdade do homem, alcançada pela redenção em Cristo Jesus, atinge também sua relação com a cultura bem como suas realizações culturais. Em outras palavras, a verdadeira humanidade acontece quando o homem se relaciona com Deus através da redenção.¹⁰⁴³

Como já discutimos anteriormente a questão da unicidade e universalidade salvíficas em Jesus Cristo, no item da cristologia, pois soteriologia e cristologia caminham juntas, entendemos que, além disso, a importância soteriológica de Calvino para os nossos dias trata-se exatamente de combater todo tipo de movimento religioso meramente humano, cuja força salvífica está centrada no homem e não na força da graça.

Assim, desde a encarnação e com a chegada do Messias, a irrupção do Reino de Deus, pela própria força do Evangelho de Jesus Cristo, o homem está desautorizado a forjar e a aceitar qualquer tipo de novidades soteriológicas, fabricadas pelo próprio homem. Vejamos as sábias asseverações do reformador de Genebra quanto a esta verdade insofismável:

¹⁰⁴² GEORGE, Timothy. **A Teologia dos Reformadores**, op. cit., pp. 185-223.

Por isso, não sem motivo, o Pai, enviando-nos Seu Filho como um privilégio singular, proclamou-O nosso Mestre e Preceptor, ordenando-nos que a Ele ouçamos, e a homem nenhum. Evidentemente, Ele nos recomendou Cristo como Mestre e Senhor em poucas palavras, quando disse: “a Ele ouvi” (Mt 17.5). Mas, nessas poucas palavras, há mais força e mais importância do que parece. Porque é como se, tirando-nos da doutrina de todos os homens e declarando-a nula, Ele nos ligasse a Seu Filho e nos mandasse receber e aprender dele toda a doutrina da salvação, depender exclusivamente dEle, e apegar-nos somente a Ele – em resumo, o que a palavra comporta: obedecer unicamente a Cristo.¹⁰⁴³ (grifo nosso)

A dimensão soteriológica em Calvino destina-se a recolocar o ser humano no seu devido lugar, como criatura de Deus, criação máxima de Deus, receptáculo de sua imagem e semelhança. Mas destina-se, também, em evidenciar que o homem não é um ser autônomo, senhor de seu próprio destino. Embora possuidor de liberdade, Deus é o seu soberano Senhor. Não sem motivos, o reformador de Genebra descreveu tal realidade em seus escritos, principalmente nas *Institutas*.

Um dos grandes desafios à Igreja Evangélica Brasileira é quebrar o paradigma de uma fé de mercado, completamente vencida pelo poder econômico, em muitos de seus segmentos. Trazer os consumidores da fé à condição de verdadeiros discípulos de Jesus Cristo, pela via do discipulado – ensino – fazendo-os conceber o verdadeiro conceito do Evangelho da graça, da fé, de Igreja e, sobretudo, do próprio Deus, torna-se hoje um imperativo. Numa sociedade enferma, adocida, solitária, sem foco existencial, em que suas relações são superficiais, necessitamos de uma Igreja menos realizadora e mais relacional, com mais consciência de sua vocação como comunidade terapêutica.

A missão integral da Igreja na sociedade passa, fundamentalmente, pela dimensão de sua ação koinônica. Importa proporcionar um ambiente eclesial onde o homem tenha condições de se relacionar com Deus, consigo mesmo e com o próximo de forma saudável e significativa. Por isso que, falando acerca do conhecimento que o homem precisa ter si mesmo à luz do conhecimento de Deus, o que é imprescindível, Calvino afirma o seguinte:

¹⁰⁴³ Este parágrafo é uma tradução-adaptação feita pelo Rev. Dr. Claude Emanuel Labrunie, de artigo do Dr. Allan L. Ferrir, publicado na revista Reformed World de setembro de 1974, pp. 107-115.

¹⁰⁴⁴ *Institutas*, Edição especial. Vol. I, pp. 109,110.

Ora, a verdade de Deus nos manda procurar outra coisa, quanto à nossa estima própria. Manda-nos buscar um conhecimento que nos afaste para longe de toda presunção quanto à nossa virtude pessoal e nos despoje de todo tipo de glória para nos levar à humildade. Essa é a regra que devemos seguir, se desejamos conseguir o objetivo do bem-sentir e do bem-fazer. Sei quanto é agradável ao homem que o levem a reconhecer seus talentos e suas qualidades elogiáveis, em vez de ser levado a entender e a enxergar a sua pobreza, a sua infâmia, a sua torpeza e a sua loucura. Porque não há, no espírito humano, maior apetite que o de que lhe passem mel na boca, dizendo-lhe doces palavras e lisonjas.¹⁰⁴⁵

Calvino não nega existir o que ele chama de “alguma semente de nobreza em nossa natureza, a qual nos deve incitar a seguir a justiça e a honestidade”.¹⁰⁴⁶ Entretanto, na medida em que busca um exame mais acurado de si mesmo, o homem depara-se com a dura realidade de sua condição diante de Deus, vendo-se “esvaziado de toda esperança”¹⁰⁴⁷ soteriológica. Cabe ao homem perceber o motivo para o qual foi criado e, certamente, dotado por Deus com dons e talentos a fim de que viva para glorificar o seu Criador. Esta é uma parte essencial do conhecimento que o ser humano deve ter de si mesmo.¹⁰⁴⁸

Como conseqüência natural dessa avaliação, nascerá o desejo de servir a Deus, pois como criatura recebeu a imagem e semelhança do seu Criador.

¹⁰⁴⁵ CALVINO, João. *As Institutas*. Edição especial com notas para estudo e pesquisa. Vol. I. São Paulo: Ed. Cultura Cristã. 2006, p. 8. A partir desta nota, será usado como *Institutas*, Edição especial.

¹⁰⁴⁶ *Institutas*, Edição especial. Vol. I, p. 83.

¹⁰⁴⁷ *Institutas*, Edição especial. Vol. I, p. 82.

¹⁰⁴⁸ “A luz desse fato aprendemos, também, que os que são responsáveis pelo presunçoso uso da bondade divina se aproveitam dela para orgulhar-se da excelência que possuem, como se a possuíssem por sua própria habilidade, ou como se a possuíssem por seu próprio mérito; enquanto que sua origem deveria, antes, lembrá-los de que ela tem sido gratuitamente conferida aos que são, ao contrário, criaturas vis e desprezíveis e totalmente indignas de receber algum bem da parte de Deus. Qualquer qualidade estimável, pois, que porventura vímos em nós mesmos, que ela nos

A generosidade de Deus na vida do ser humano se verifica, também, no fato de que este recebeu das mãos do Criador inúmeros bens espirituais e elevadíssima preeminência.¹⁰⁴⁹ Contudo, pela força do pecado, afastado da comunhão com Deus, o homem perdeu tais bens, o que poderá reavê-los somente pelo caminho da reconciliação com Deus, pela mediação de Jesus Cristo.¹⁰⁵⁰

A necessidade de salvação impõe-se exatamente nesse ponto, visto que o homem fora desprovido de qualquer capacidade de se voltar para Deus, tornando-se completamente incapaz de promover sua própria salvação. Por isso Calvino faz a seguinte declaração:

Ora, se não há dúvida nenhuma de que a graça de Cristo é nossa por comunicação e que por ela temos vida, segue-se paralelamente que, tendo uma e outra sido perdidas em Adão, em Cristo as recuperamos, e como o pecado e a morte foram gerados em nós por Adão, por Cristo foram abolidos.¹⁰⁵¹

O grande mistério da graça salvadora de Deus em Cristo Jesus está na consciência assumida pelo homem de que não há nele nenhum bem capaz de promover-lhe a salvação ou o seu livramento espiritual, estando apenas rodeado de miséria e de necessidade, privado, portanto, de verdadeira liberdade.¹⁰⁵² Ora, o inclinar-se diante de Deus em humildade significa encontrar a própria grandeza do homem, pois é voltado para Ele que encontrará o que lhe falta.

estimule a celebrarmos a soberana e imerecida bondade que a Deus aprouve conceder-nos". In.: CALVINO, João. **O Livro de Salmos**. São Paulo: Parakletos, 1999. Vol. I, (SI 8.4, pp. 165,166).

¹⁰⁴⁹ CALVINO, João. **O Livro dos Salmos**, Vol. I, (SI 8.5), p. 167.

¹⁰⁵⁰ "Quando de seu estado original decaiu Adão, não há a mínima dúvida de que, por esta defecção, se haja alienado de Deus. Pelo que, embora concedamos não haja sido nele aniquilada e apagada de todo a imagem de Deus, foi ela, todavia, corrompida a tal ponto que, o que quer que resta, é horrenda deformidade" (*Institutas*, Vol. I, 15,4). "Pelo pecado estamos alienados de Deus" (CALVINO, João. Efésios, (Ef. 1.9), p. 32); "Como a morte espiritual não é outra coisa senão o estado de alienação em que a alma subsiste em relação a Deus, já nascemos todos mortos, bem como vivemos mortos até que nos tornamos participantes da vida de Cristo." (CALVINO, João, Efésios, (Ef 2.1), p. 51). "Tão logo Adão alienou-se de Deus em consequência de seu pecado, foi ele imediatamente despojado de todas as coisas boas que recebera". CALVINO, João, Exposição de Hebreus, (Hb 2.5), p. 57.) Todos os homens estão "totalmente alienados de Deus". (CALVIN, John. Calvin's Commentaries, Grand Rapids, Michigan, Baker Book House Company, 1981, Vol. XVIII, (Jo 14.22), p. 97.

¹⁰⁵¹ *Institutas*, Edição especial. Vol. I, p. 86.

¹⁰⁵² *Institutas*, Edição especial. Vol. I, p. 90. "Os homens jamais encontrarão um antídoto para suas misérias, enquanto, esquecendo-se de seus próprios méritos, diante do fato de que são os únicos a enganar a si próprios, não aprenderem a recorrer à misericórdia gratuita de Deus." (CALVINO, João. **O Livro dos Salmos**, Vol. I, (SI 6.4), pp. 128,129).

O arcabouço teológico da Reforma Protestante, especialmente a teologia calvinista, nos aspectos elencados neste trabalho, uma vez atualizados e aplicados no contexto da pós-modernidade, contribuirá para uma presença eclesial mais relevante e significativa na sociedade. Significa dizer que se faz necessário e urgente anunciar a justificação somente pela graça mediante a fé, denunciando, pelo caminho do ensino, da compaixão, qualquer tipo de religião meramente humana, antropocentralizada, pelagiana ou, a melhor das hipóteses, semipelagiana. Todo homem liberto pela graça é liberto do pecado e também da Lei, visto que, em Cristo, “o problema religioso do pecado é resolvido e o homem restabelece sua comunhão com Deus”.¹⁰⁵³ A liberdade humana só é alcançada pela justificação e “Deus justifica perdoando”,¹⁰⁵⁴ sendo, portanto, uma ação de Deus no homem, uma ação heterônoma, salvificamente falando, vinda de fora, extrínseca ao homem, pois sua fonte é Deus.

A religiosidade brasileira foi cooptada pela religião de mercado, facilitando toda sorte de manipulação do sagrado. Somos uma sociedade religiosa, mas sem o verdadeiro conhecimento de Deus, sem a experiência com o Cristo ressuscitado e, conseqüentemente, sem vidas transformadas e transformadoras da sociedade. As pessoas buscam uma salvação meramente terrena, de seus problemas financeiros, emocionais, familiares, profissionais, afetivos, dicotomizando a existência, as relações, a própria caminhada cristã, que é feita com lutas, muitas vezes, e jamais com sua isenção. A fé tornou-se produto de consumo, quando deveria ser vista e recebida como dom, oferta da graça de Deus.

Portanto, pensar na liberdade cristã no contexto de nossa sociedade significa enfrentar dois desafios: o primeiro é interpelar o homem pós-moderno, à luz do Evangelho, de sua real condição diante de Deus, pecador separado da graça salvadora do Pai. Creio que o homem vive um antropocentrismo absurdo, em que os seus movimentos religiosos são de baixo para cima, como diz Barth.¹⁰⁵⁵

¹⁰⁵³ FERREIRA, Edijéce Martins. **A Ética de Calvino**. op. cit., p. 33.

¹⁰⁵⁴ *Institutas*, livro III, xi, 11.

¹⁰⁵⁵ BARTH, Karl. **Die Kirchliche Dogmatik**. Zürich, 1950, I/2, p 135.

Em outras palavras, o homem vive sob a constante tentação de dominar todo e qualquer processo de salvação. Atitude paradoxal, pois o homem vive marcado pelo pecado, cuja força atinge sua mente e sua vontade. O segundo desafio é denunciar que, como resultado da pecaminosidade humana, a sociedade com suas instituições evidenciam, de igual forma, toda sorte de egoísmo, injustiça e a própria desumanização do indivíduo. Portanto, a presença da Igreja precisa ser profética, denunciatória, conflitiva.

A liberdade ofertada por Deus, como fruto da justificação, significa que “as consciências dos crentes, em buscar a convicção da justificação perante Deus deveriam ser levadas além e adiante da Lei, esquecendo toda a justiça legalista”.¹⁰⁵⁶ Ou seja, o paradigma de nossa liberdade é Cristo, não devendo o homem viver mais sob qualquer jugo de escravidão. A lei moral continua com seu valor, interpelando o homem a caminhar segundo o que é bom e correto, mas perdeu seu valor como instrumento de opressão e condenação.

Segundo Calvino, compreender a sociedade passa, fundamentalmente, pela compreensão bíblico-teológica da queda do homem, ou seja, seu processo de ruptura com Deus e, conseqüentemente, consigo mesmo, com o outro, e com a natureza.¹⁰⁵⁷ É aqui que encontramos a chave hermenêutica para entender este processo de enfermização do ser humano e, portanto, sua conseqüente via de salvação – Jesus Cristo.

5.4.2 Em Busca de uma Salvação Integral e Integrada

Na linguagem de Agostini, o vital humano fora tremendamente afetado, alterando completamente seu *ethos* e trazendo danosas conseqüências à vida pessoal e em comunidade. A ruptura com Deus trouxe uma desintegração do ser humano, pois a relação criatura-Criador deixou de existir em plenitude. “A desobediência do primeiro homem trouxe como conseqüência, morte espiritual ou separação de Deus, o que também inclui morte física, que por sua vez também está relacionada com enfermidade, dor e perda da vida”.¹⁰⁵⁸

¹⁰⁵⁶ *Institutas*, livro III, xix, 2.

¹⁰⁵⁷ *Institutas*, livro III, viii, 51.

¹⁰⁵⁸ ZANDRINO, Ricardo. **Curar também é tarefa da Igreja**. São Paulo: CPPC, 1986, p. 38.

Portanto, a chamada *Ordo Salutis*, ou Ordem da Salvação, significa a descrição e a forma como se dá todo processo salvífico em Cristo Jesus na vida dos homens e mulheres por Ele alcançados. Berkhoff afirma que “a soteriologia reformada tem como ponto de partida a união estabelecida no *pactum salutis* entre Cristo e aqueles que o Pai lhe deu, por meio do qual há uma imputação eterna da justiça de Cristo aos que são seus”.¹⁰⁵⁹ A justificação se dá pela fé em Cristo Jesus. Na verdade, a *Ordo Salutis* tem seu início na regeneração e que, portanto, toda a aplicação da obra redentora de Jesus Cristo é manifestação da graça de Deus.

Na visão querigmática de Calvino, o evangelho libertador de Jesus Cristo promove a salvação integral do ser humano, estabelecendo uma íntima conexão entre salvação e cura, ou seja, a obra redentora de Deus em Cristo Jesus, resgata todas as dimensões do ser humano. Traz ao homem a consciência de dependência de Deus, em que o centro do universo deixa de ser ele mesmo e, doravante, vive não mais para si, mas para o outro, para Deus mesmo. Na verdade, a salvação ofertada por Deus pode e deve ser vista, também, como experiência de saúde, como cura de suas enfermidades, morais, emocionais, espirituais, sociais etc.

Significativo é o conceito bíblico de *shalom*, por exemplo, que expressa não apenas a idéia de *paz*, mas também de *saúde*, podendo chegar à *renovação espiritual* e *reabilitação social*, num sentido ainda mais amplo. No grego, podemos citar novamente a palavra *soteria*, que significa *salvação*, apontando para a totalidade da pessoa ou também *saúde*, indicando que, na soteriologia de Deus, não há espaço apenas para uma salvação espiritual, como se a mesma possuísse somente uma dimensão, mas aponta para a totalidade do ser humano.

Lamentavelmente, em nossa cultura ocidental, é que encontramos esta dicotomia entre saúde e salvação, visto que a nossa teologia aderiu ao dualismo grego entre matéria e espírito. O verdadeiro evangelho não salva a pessoa apenas para um futuro distante, desprezando sua vida aqui e agora, ao contrário, o evangelho libertador de Jesus Cristo promove salvação integral do ser humano e o devolve à sociedade, transformado, para agir como novo homem, promotor do Reino de paz e de justiça.

¹⁰⁵⁹ BERKHOF, Luis, op. cit., p. 496.

Portanto, a práxis soteriológica da Igreja deve ser no sentido de promover não apenas salvação, mas também saúde. A salvação de Jesus Cristo implica salvação do homem, do seu *status quo* e do seu *modus vivendi*, ou seja, as pessoas são salvas de sua condição de ruptura de Deus, mas também transformadas, dia após dia, de sua forma de vida.

A verdadeira liberdade cristã só alcança sentido plenamente, quando trilhada pela senda da justificação. Significa dizer que tanto a justificação quanto a liberdade cristãs possuem um caráter essencialmente prático, pois dizem respeito diretamente à vida humana. A justificação como ação direta de Deus e a liberdade restaurada, promovendo santificação, mudanças éticas e transformações sociais. Os discípulos de Jesus Cristo “não deveriam ser enleados por nenhuma malha de observações, em matérias das quais o Senhor os desejou livres”, visto que “estão livres do poder dos homens”.¹⁰⁶⁰

Encontramos, na teologia paulina, clara indicação de que, pela ação livre e soberana do Espírito de Cristo, o homem torna-se livre da lei do pecado e da morte, outorgando-lhe uma nova vida e alterando seu *ethos* constitutivo, ou seja, modificando seu comportamento. Tudo isso faz parte do imperativo da conversão, do encontro com o Cristo ressuscitado. Encontramos, nas palavras de França de Miranda, uma excelente síntese sobre o pensamento de Calvino no que diz respeito ao resultado soteriológico. “Logo toda experiência autêntica de Deus supõe seguimento de Cristo, docilidade a seu Espírito, abertura ao irmão, compromisso da própria vida com o amor e a justiça”.¹⁰⁶¹

Sendo assim, na visão paulina, a salvação é vista como justificação, ou seja, graça ofertada ao homem, não apenas escatologicamente, mas presente. A justificação de Deus tem uma dimensão *forense* (declarar justo), sendo “uma não-imputação”.¹⁰⁶² Trata-se de um veredicto de salvação, “maravilhosamente gratuito, pronunciado pelo Deus fiel à sua aliança”.¹⁰⁶³

¹⁰⁶⁰ *Institutas*, livro III, xix, 14.

¹⁰⁶¹ MIRANDA, Mário de França, op. cit., p. 142.

¹⁰⁶² *Ibidem.*, p. 89.

Tal justificação ocorre somente pela fé, sem qualquer efetivação de obras humanas (Rm 3,28; Gl 2,16; Ef 2,8-10). Isso significa dizer que não há qualquer possibilidade por parte do homem em promover sua autojustificação. “Naturalmente essa fé não é um assentimento intelectual a certas verdades salvíficas, mas a fé-compromisso, a fé-doação, que se identifica como atitude profunda do homem com a esperança, a caridade, a metanóia”.¹⁰⁶⁴ Ou seja, a justificação implica na dimensão *forense* e *transformativa*, na qual a justiça de Cristo é imputada ao homem, mas também a ação regeneradora do Espírito Santo o faz nova criatura (II Co 5,17).¹⁰⁶⁵

5.5 Implicações Éticas Diante dos Desafios da Pós-Modernidade

Quando pensamos sobre a liberdade cristã e suas implicações éticas, estamos falando da forma como devemos ordenar a nossa caminhada, a vida mesmo. O Evangelho que chegou até nós e provocou a quebra das cadeias que nos aprisionavam, requer profundo amor pela justiça, pela retidão. Este é o primeiro princípio estabelecido por Calvino no que diz respeito à verdadeira vida cristã. O segundo tem a ver com o estabelecimento de certos parâmetros ou princípios de conduta, a fim de que não nos percamos e vivamos sem direção e meta.¹⁰⁶⁶

Sem dúvida alguma que a teologia reformada deixou-nos um legado muito rico e, especialmente para os nossos dias, a ética ganha destaque. Tal constatação se dá exatamente pelo fato de que a Igreja Evangélica Brasileira tem sofrido demasiadamente nessa área. Notoriamente as últimas décadas têm revelado uma crise ética em diversos setores da Igreja, seja por parte de líderes, seja por parte de seus membros. Sexo, dinheiro e poder são os casos mais comuns. Mais tão sério quanto essa questão é a falta de sensibilidade e a incapacidade de enfrentar os gritantes e dantescos problemas sociais. Por isso veremos, aqui, dois aspectos importantes sobre as implicações éticas e o anúncio da Igreja.

¹⁰⁶³ Ibidem., p. 89.

¹⁰⁶⁴ MIRANDA, Mário de França, op. cit., p. 89.

¹⁰⁶⁵ *Institutas*, Edição Especial, p. 90.

¹⁰⁶⁶ *Institutas*, Edição Especial, Vol. IV, pp. 177,178.

5.5.1 A Ética na Vida de Serviço

Discípulos de Jesus são aqueles que tiveram uma libertadora experiência com Cristo, através do genuíno Evangelho. A estes, a Palavra do Evangelho chega-lhes com interpelações a uma vida cristã autêntica, repleta de implicações ético-sociais, a fim de que sejam vividas no tempo e no espaço onde atuam. Paulo chama de *vida cristã autêntica* o despojar do velho homem e o revestir-se do novo homem, alcançando, assim, o verdadeiro conhecimento de Cristo.¹⁰⁶⁷ Calvino, então, vai afirmar categórica e enfaticamente que, lamentavelmente, há cristãos nominais, “não tendo nada de Cristo, exceto o título”.¹⁰⁶⁸ Para o reformador, o evangelho não é apenas uma questão de religião meramente moral, muito menos um corpo doutrinário discursivo, mas fundamentalmente uma experiência com o Cristo ressurreto, transformada em um novo estilo de vida. “Felizes, porém, são aqueles que abraçaram o evangelho e firmemente permanecem nele! Porque ele – o evangelho – fora de qualquer dúvida, é a verdade e a vida”.¹⁰⁶⁹

Significa dizer, à luz das Escrituras e da visão ética de Calvino, que aqueles que não vivem para glória de Deus envergonham-nO com seu estilo de vida. Ou seja, o dom da fé possibilita-nos crer na Palavra e a potencializa em nosso coração, tornando-a frutífera, sendo evidenciado “o seu poder em nossa vida”.¹⁰⁷⁰ Diante de tais asseverações, constatamos a contemporaneidade das Escrituras e das palavras de Calvino, pois o mundo pós-moderno carrega a marca da superficialidade, inclusive na esfera religiosa. O cristianismo, estatisticamente falando, têm mais cristãos nominais do que verdadeiramente evidenciando a prática de sua fé. Daí, uma das primeiras implicações éticas do anúncio do evangelho é que quem o anuncia o faz porque foi por ele liberto. Nesse sentido, as palavras de Calvino são apropriadas:

¹⁰⁶⁷ *Institutas*, Edição Especial, Vol. IV, p. 181.

¹⁰⁶⁸ *Institutas*, Edição Especial, Vol. IV, p. 181.

¹⁰⁶⁹ *Efésios*, (Ef. 1.13), pp. 35,36.

¹⁰⁷⁰ *Institutas*, Edição Especial, Vol. IV, p. 182.

Não exijo que a vida do cristão seja um evangelho puro e perfeito, embora o devamos desejar e esforçar-nos por esse ideal. Não exijo, pois, uma perfeição cristã de tal maneira estrita e rigorosa que me leve a não reconhecer como cristão quem não a tenha alcançado. Porque, se fosse assim, todos os homens do mundo seriam excluídos da Igreja, visto que não se encontram um só que não esteja bem longe dela, por mais que tenha progredido. E a maioria ainda não avançou nada ou quase nada. Todavia, nem por isso os devemos rejeitar.¹⁰⁷¹

Uma das conseqüências da teologia reformada é a construção de um perfil ético tanto na pessoa, quanto na comunidade eclesial, gerando, portanto, uma ética individual e social.¹⁰⁷² Segundo o pensamento calvinista, o homem alcançado pela graça de Deus em Jesus Cristo, recebe uma nova vida repleta de contornos comunitários. A Igreja é a nova sociedade no mundo, pois através dela Deus realiza Seu propósito e cumpre Sua vontade soberana. No fiel cumprimento de sua vocação ela proclama o Evangelho de salvação, faz novos discípulos e busca transformar a sociedade na qual está presente, ou seja, “na comunidade cristã as relações sociais naturais são-no na perspectiva da restauração”.¹⁰⁷³ Haja vista o que aconteceu na cidade de Genebra.¹⁰⁷⁴

Uma das principais conseqüências da doutrina da *imago Dei*, restaurada na vida do ser humano, está na perspectiva da ética. Na verdade, essa dimensão expõe uma implicação teológica na pregação. Apesar de sua grandiosa visão de uma humanidade restaurada, Calvino era um realista. Sabia que credos e comportamentos não raro estão muito distanciados, assim como os princípios e as práticas na comunidade cristã. Tratou, então, de orientar sua pregação no sentido de aproximar as duas realidades, os dois pólos. Entre os ouvintes sentados na congregação de Genebra, havia cristãos professos que estavam incluídos na categoria de exploradores de seus próximos.

¹⁰⁷¹ *Institutas*, Edição Especial, Vol. IV, p. 182. Tais palavras de Calvino são libertadoras e evidenciam um homem consciente das limitações humanas, mesmo alcançado pela graça salvadora de Jesus Cristo.

¹⁰⁷² BIÉLER, André. **O Pensamento Econômico e Social de Calvino**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana. 1990, pp. 334-339.

¹⁰⁷³ *Ibidem*, pp. 334-335.

¹⁰⁷⁴ MATOS, Alderi Souza de. Resgatando Aspectos Essenciais da Fé Reformada. In.: *Fides Reformata* III/1, 86.

Para Calvino, a riqueza implicava em perigos e sérias responsabilidades. “Os que são ricos considerem que sua abundância não se destina a ser usada em intemperança e excessos, mas em aliviar as necessidades dos irmãos”.¹⁰⁷⁵ Calvino fustigava publicamente aqueles que procuravam o controle monopolítico dos bens de consumo básico. Por exemplo, aqueles que armazenavam trigo para provocar escassez e assim alcançavam altos preços. Fulminava crentes desse tipo ao pregar. “Tais pessoas sepultam a graça de Deus, como se estivessem em guerra aberta contra Sua bondade e contra Sua solicitude para com todos”.¹⁰⁷⁶ Em outra ocasião, o reformador chamou os manipuladores do preço do trigo de “assassinos, bestas selvagens, mordedores e devoradores dos pobres, sugadores de seu sangue”.¹⁰⁷⁷

Outra questão preocupante sobre a qual Calvino emitiu sua opinião foi a taxa de juros. Emprestar dinheiro a outrem para iniciativas produtivas era permitido. Contudo, o limite era não cobrar mais do que 5% de juros. Mas não se deve cobrar juros quando se empresta ao pobre. Na verdade, diante do desespero do pobre, o certo é dar-lhe imediatamente o necessário. E também não se deve negligenciar a responsabilidade da caridade a ponto de só ter disponibilidades para emprestar ao comerciante que remunera o capital emprestado. Além disso, aquilo que as leis da sociedade permitem, em termos de juros, se injusto, é inadmissível para o cristão.¹⁰⁷⁸

De acordo com Calvino, a fé cristã deveria permear todas as áreas da vida. O dinheiro, a propriedade e o trabalho do homem destinam-se não a despojar o próximo, mas a servi-lo. O enfoque que Calvino deu ao trabalho, conferiu-lhes nova dignidade. Deixou de ser considerado como maldição causada pelo pecado: é antes um meio para servir a Deus e ao próximo. O trabalho do homem provém do trabalho e da vontade de Deus. Implica, de algum modo, em participação na criatividade Divina. A arte, arquitetura, ciência e agricultura humanas são possíveis mediante a operação dos poderes criativos de Deus.

¹⁰⁷⁵ Comentário, 2 Coríntios 8.15.

¹⁰⁷⁶ Sermão 96 sobre Deuteronômio 15.16.23. Os sermões de Calvino sobre o livro de Deuteronômio são particularmente ricos em revelar o seu pensamento social.

¹⁰⁷⁷ Comentário ao Evangelho de Mateus, 3.9-16.

¹⁰⁷⁸ Este parágrafo é uma tradução-adaptação feita pelo Rev. Dr. Claude Emanuel Labrunie, de artigo do Dr. Allan L. Ferrir, publicado na revista Reformed World ,de setembro de 1974, pp. 107-115.

Há de se afirmar, também, que a ética cristã nos interpela a uma vida sensível a bênção de Deus, na inteira dependência de sua provisão. Em seu comentário na segunda carta aos Coríntios, o reformador faz a seguinte observação:

Quando o Senhor nos abençoa, também nos convida a seguirmos Seu exemplo e a sermos generosos para com o nosso próximo. As riquezas do Espírito não são para serem guardadas para nós mesmos, mas sempre que alguém as recebe deve também passá-las a outrem. Isto deve ter uma aplicação especial aos ministros da Palavra, mas também tem uma aplicação geral a todos os homens, a cada um em sua própria esfera.¹⁰⁷⁹

O trabalho, além disso, é um dos meios pelos quais Deus em sua providência cuida das necessidades da sua criatura. A sociedade que não der a um homem condições de trabalhar, está a roubar-lhe um de seus direitos humanos fundamentais. Mediante o trabalho humano, Deus atende às necessidades de um homem e de sua família. Subtrair de alguém a possibilidade de trabalhar, declarou Calvino, é equivalente a “cortar sua garganta”.¹⁰⁸⁰

Não satisfeito com isso, Calvino afirma que o trabalho é um instrumento para desincumbirmo-nos de nossas responsabilidades para com o nosso próximo. O reformador, como já exposto, era um líder preocupado com a solidariedade da vida humana. Os homens não constituem uma coleção de indivíduos; é uma comunidade de gente mutuamente dependente. Para Calvino, a ética pessoal deve ser ética social, e esta última tem a ver com meu próximo. Percebe-se, pois, que o fim, o objetivo, a intenção com que o homem trabalha, é de importância decisiva. O trabalho pode ser a expressão de um espírito egoísta e açambarcador, ou pode ser um meio de expressar minha nova vida com Cristo, que requer não apenas honrar a Deus, mas também amar meu próximo em quem, por mais distorcida que seja, reflete-se a imagem de Deus. Mediante meu trabalho, eu me torno capaz de expressar de maneira concreta meu amor por meu próximo.¹⁰⁸¹

¹⁰⁷⁹ *Coríntios*, (2 Co 1.4), p. 17.

¹⁰⁸⁰ Sermão em Deuteronômio 24.14-18.

Portanto, quando pensamos em implicações éticas no contexto da pós-modernidade salta-nos aos olhos a necessidade, por exemplo, do ensino, da educação, como meio de tornar os princípios e parâmetros éticos e morais conhecidos de todos. Ou seja, a educação moral torna a pessoa consciente de que ela é um sujeito moral e, alcançada pelo Evangelho libertador, torna-se livre como sujeito moral, capaz de viver com liberdade e responsabilidade. Não sem motivos, para Aristóteles e Kant, a ética era vista como ciência prática, um conhecimento que conduz à práxis.¹⁰⁸² Ou seja, a ética como estudo crítico da moralidade, ela questiona acerca dos fundamentos basilares que devem orientar a práxis humana, nas suas relações pessoais, sociais, religiosas etc. O pano de fundo do pensamento de Aristóteles e de Kant, neste campo em particular, diz respeito, fundamentalmente, à ética vivida no contexto limitado da *Polis* ou do Estado Democrático.¹⁰⁸³

Segundo a teologia paulina, por exemplo, a liberdade para a qual Cristo nos libertou diz respeito a dois aspectos: o primeiro declara que a salvação é graça de Deus e não resultado de esforço humano; o segundo afirma que o propósito da salvação operada em nós é para a nossa liberdade, ou seja, “esta liberdade é a meta da ação libertadora de Cristo, implicando que o homem se encontra num estado salvífico estável, possibilitado (Rm 8,2) e conservado pelo Espírito (II Co 4,7)”.¹⁰⁸⁴ Miranda afirma que o resultado dessa liberdade ontológica viabiliza a liberdade ética, na qual o agir do humano reflete o pressuposto da ação de Deus em sua vida, potencializando o imperativo ético dos homens e mulheres que seguem a Jesus Cristo.¹⁰⁸⁵

¹⁰⁸¹ Tradução-adaptação feita pelo Rev. Dr. Claude Emanuel Labrunie, de artigo do Dr. Allan L. Ferrir, publicado na revista *Reformed World* de setembro de 1974, pp. 107-115.

¹⁰⁸² Para um maior aprofundamento da questão ética, sugere-se a leitura de duas obras fundamentais para a filosofia prática ocidental, cf. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Nova Cultural, 1987 e KANT, I. *Crítica da Razão Prática / CRPr*, (A 167-185). São Paulo: Martins Fontes, 2002.

¹⁰⁸³ *Ibidem*, pp. 239,241.

¹⁰⁸⁴ MIRANDA, Mário de França, *op. cit.*, p. 98.

A ética desenvolve sua reflexão crítica acerca da moralidade sempre a partir de determinadas condutas humanas. Por outro lado, a moral é compreendida como a formação de determinado conjunto de normas e condutas conhecidas e reconhecidas como próprias ao comportamento humano por um grupo social, num determinado tempo e espaço. Seu objetivo último é oferecer segurança e estabilidade às relações humanas e sociais. “Em cada cultura, a articulação do *ethos*, da *moral* e da *ética* faz com que um determinado povo construa um modo próprio de habitar um espaço e tempo, com regras e valores próprios”.¹⁰⁸⁶

Por outro lado, ela carrega também o desafio da resposta, através da reflexão, às perguntas vitais ao ser humano,¹⁰⁸⁷ tais como: sobre que bases ético-morais o indivíduo deve fundamentar sua conduta? Que tipo de relações o ser humano deve estabelecer com a criação, com o próximo, consigo mesmo e com Deus? Há gradação hierárquica no que diz respeito a valores que devem ser priorizados e, portanto, seguidos? A verdadeira cidadania é caracterizada por quais atitudes e comportamentos?¹⁰⁸⁸

É aí que nasce a liberdade, resultado do sujeito moral. Poderíamos, então, dizer que ética seria a liberdade responsável por escolher e construir a própria história humana a partir do legado adquirido, de tal maneira que o faça para tornar-se mais humano e contribuir para uma sociedade mais justa e mais humanizada.¹⁰⁸⁹

Há um grande desafio para a Igreja atual, pelos claros movimentos de opostos, que é não pender nem para a intolerância e nem para o liberalismo, ora tolhendo a liberdade responsável, ora favorecendo ao relativismo dogmático, afetando diretamente a consciência das pessoas. A linha por onde se deve caminhar é tênue, mas este também é um dos desafios. Calvino faz um comentário pertinente sobre o assunto, utilizando-se de Santo Agostinho: “Queixava-se ele de que a Igreja, que a misericórdia de Deus quis seja livre, estava a tal ponto oprimida, que mais tolerável haja sido a condição dos judeus.”¹⁰⁹⁰

¹⁰⁸⁵ Ibidem, p. 98.

¹⁰⁸⁶ AGOSTINI, Nilo. **Ética e Evangelização**, op. cit., p. 21.

¹⁰⁸⁷ CORBISIER, R. Introdução à filosofia, tomo1, Rio de Janeiro: Ed.Civilização Brasileira, 1991, pp. 125-127.

¹⁰⁸⁸ COTRIM, G. Fundamentos da Filosofia – História e Grandes Temas, op. cit., p. 264.

¹⁰⁸⁹ COTRIM, G. op. cit., p. 265.

¹⁰⁹⁰ *Institutas*, livro IV, cap. 10, seção 1, p. 173.

Na visão de Calvino, a Igreja deveria ser um centro de reprodução e irradiação dessa nova concepção de liberdade, vivendo como comunidade restaurada e renovada, a fim de que dela saísse o conceito de uma nova sociedade.¹⁰⁹¹ Daí a necessidade de engajamento histórico. Em um de seus sermões, Calvino faz o seguinte comentário:

Devemos reconhecer que Deus almejou tornar-nos membros de seu corpo. Quando nos encontramos uns aos outros dessa maneira, cada um concluirá: vejo meu próximo necessitado de meu auxílio e se eu estivesse em tal desamparo, gostaria de ser socorrido: logo, devo fazer exatamente isto.¹⁰⁹²

5.5.2 Desafio de Construção de uma Sociedade Humanizada

Em primeiro lugar, gostaria, aqui, de estabelecer um paradigma de conduta para todos os cristãos – Jesus Cristo. Deus não apenas nos reconciliou através do Filho, mas O constituiu nosso modelo de vida, pois viveu aqui como verdadeiro homem, a quem, pois, devemos imitar, vivendo, assim, o Evangelho do Reino, fazendo-nos capazes de nos humanizar e promover uma sociedade mais humana. Para o reformador, Deus deu-nos Seu Filho como o Messias, o Salvador, mas também como modelo ou imagem que “deve ser representada em nosso viver”.¹⁰⁹³ Comentando Hebreus, ele diz o seguinte:

Tudo quanto os filósofos têm inquirido sobre o *summum bonum* revela estupidez e tem sido infrutífero, visto que se limita ao homem em seu ser intrínseco, quando é necessário que busquemos felicidade fora de nós mesmos. O supremo bem humano, portanto, se acha simplesmente na união com Deus. Nós o alcançamos quando levamos em conta a conformidade com sua semelhança.¹⁰⁹⁴

¹⁰⁹¹ LABRUNIE, Claude E. **O Pensamento de Calvino, com ênfase na Sociologia, na Ética e na Eclesiologia.** In: Apostila da Semana Calvinista. Rio de Janeiro: Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, 1982, p. 2.

¹⁰⁹² *Sermões*. Primeira Epístola a Timóteo 6.17-19.

¹⁰⁹³ *Institutas*, Edição Especial, Vol. IV, p. 179.

¹⁰⁹⁴ *Hebreus*, (Hb 4.10), p. 105.

Sendo assim, o cristão é aquele que exerce sua fé não apenas na dimensão da contemplação, mas também no contexto histórico no qual se encontra. Segundo Calvino, o que Deus deseja para seus filhos, antes de qualquer coisa, é integridade, caracterizada pela nobreza de coração, singeleza e sinceridade de alma.¹⁰⁹⁵ Somos, portanto, desafiados e encorajados pelo próprio Cristo a prosseguir na caminhada cristã, perseguindo a maturidade e a estatura do segundo Adão, Cristo. Para o cristão comprometido com as implicações do Evangelho, haverá de perceber que o hoje superou o ontem. A ética cristã importa em que sejamos melhores do que somos, pois com o nosso *ethos* restaurado seremos mais humanos e melhores nas nossas relações interpessoais, com a criação e com o próprio Deus. Na verdade, uma coerência entre ortodoxia e ortopraxia.

Vejamos as palavras do próprio Calvino:

Piedade para com Deus, confesso é mais preeminente do que o amor devido aos irmãos; e assim a observância da primeira tábua é mais valiosa à vista de Deus do que a segunda. Mas como Deus pessoalmente é invisível, assim piedade é algo oculto aos sentidos humanos. E embora as cerimônias sejam destinadas a testificar dela, todavia não são provas infalíveis. Às vezes sucede de ninguém ser mais zeloso e sistemático em observar as cerimônias do que os hipócritas. Deus, portanto, quer fazer prova de nosso amor para com ele através do amor devido ao nosso irmão, o qual ele nos recomenda. Eis a razão por que não só aqui, mas também em Romanos 13.8,10, o amor é chamado ao cumprimento da lei, não porque seja ele superior ao culto divino, mas porque ele é a prova deste. Deus, como já disse, é invisível; mas Ele se nos representa nas pessoas dos irmãos, e nessas pessoas requer o que é devido a Ele mesmo. O amor para com os homens flui tão-somente do temor e do amor de Deus. Portanto, não causaria surpresa se por meio de sinédoque, o efeito de incluir em si a causa da qual ele é o sinal. Seria, porém, errôneo separar o amor a Deus do amor aos homens.¹⁰⁹⁶

¹⁰⁹⁵ *Salmos*, Vol. II (Sl 58.1), p. 517.

¹⁰⁹⁶ *Gálatas 5.13-14*, op. cit., pp. 163-164.

Segundo o pensamento calvinista, há três princípios com os quais o cristão mantém contato, qual sejam: Deus, o próximo e o mundo. A ética cristã não enxerga um mundo demonizado e a Igreja como único lugar sagrado, mas o vê como espaço pertencente à vida, criado por Deus, sem separações e qualquer forma dualista. Ao contrário, a ética cristã reformada reconhece Deus no mundo. Assim, há um duplo benefício: primeiro a valorização do homem como imagem de Deus e o segundo benefício é olhar o mundo como criação divina. Seria a manifestação da graça comum, através da qual o mundo é mantido pelo Criador e a “graça particular que opera a salvação”.¹⁰⁹⁷

Assim, recupera-se o devido papel ou vocação do cristão e da Igreja na sociedade. Louva-se a Deus na Igreja e o serve no mundo. A obra da redenção possibilita ao homem verificar, inclusive, liberdade no mundo, visto que toda maldição que pairava sobre ele é agora restringida pela graça, o que importa descobrir suas potencialidades naturais e usá-las para glória de Deus.

Outro ponto fundamental da ética libertária de Calvino é o fato de que todas as barreiras raciais, culturais e sociais são suprimidas pelo poder do Evangelho libertador. Em Cristo, somos todos um, formando o Seu Corpo, inserido na sociedade para agir na dinâmica do acolhimento e do amor-serviço.¹⁰⁹⁸

Assim, a liberdade cristã, segundo Calvino, precisa atingir todas as dimensões da vida humana, não podendo tornar-se veículo de agressão. A vida cristã integra as dimensões espirituais, sociais, econômicas, políticas.¹⁰⁹⁹ Para Calvino, esta nova condição humana deve conduzi-lo à simplicidade e jamais provocar os mais fracos. Ele afirma que “mui perniciosamente erram, porém, porque de nenhum peso tem a fraqueza dos irmãos, [fraqueza] que assim convém de nós suster-se que algo não admitamos inconsideradamente, com tropeço deles.”¹¹⁰⁰ Na verdade, tal liberdade possui, inclusive, dimensões de renúncia, a exemplo da postura paulina: “porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos” (1 Co 9,19). No entanto, este paradoxo não pode conduzir o cristão a nenhuma atitude de alienação.

¹⁰⁹⁷ KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 38.

¹⁰⁹⁸ *Ibidem*, p. 249.

¹⁰⁹⁹ *Institutas*, livro III, cap. 19, seção 15.

¹¹⁰⁰ *Institutas*, livro III, cap. 19, seção 10.

Segundo a visão de Calvino uma das tarefas da Igreja na sociedade é tornar as leis humanas o mais próximo das leis de Deus. Na verdade, seu desejo era criar uma sociedade governada pelas leis de Deus, jamais confundindo o Estado como representação do reino de Deus, muito menos criar qualquer tipo de teocracia.¹¹⁰¹ Aos magistrados cabia a função de zelar pelo cumprimento das leis, a solução de problemas de ordem geral e a preservação das mesmas. A Igreja era essencial na vida da sociedade. “Não que lhes competisse ensinar na Igreja ou decidir sob o conteúdo do ensino, mas lhes cabia supervisionar a vida da Igreja e punir os blasfemadores e hereges”.¹¹⁰² Fundamentalmente, nessa perspectiva, o papel da Igreja é educativo.¹¹⁰³

O cristão é chamado, pelo evangelho que o atingiu, a construir uma nova sociedade, mais humana, levando para todas as esferas da sociedade uma consciência moral responsável. Cabe a Igreja ser fomentadora dessa liberdade e promotora de esperança e de sentido de vida. A liberdade cristã é a liberdade da responsabilidade, do compromisso, do engajamento, da inserção no mundo, expressando a imagem de Deus recriada em nós. É, paradoxalmente, a liberdade da submissão a Deus, da obediência a Deus.¹¹⁰⁴ Tudo isso é fruto de uma relação essencialmente alicerçada no amor. Calvino diz:

Portanto, quem quer que seja dos homens que agora se te depare que careça de tua ajuda, causa não tens por que te furtas a assisti-lo. Dize que é [ele] um estranho: o Senhor, no entanto, imprimiu-lhe um traço que te deve ser de um membro da família, em razão de que veda desprezes tua [própria] carne [Is 58.7]; dize que é [ele] desprezível e sem valor: o Senhor, no entanto, mostra ser ele [um] a quem dignou da honra de Sua imagem; dize que de nenhum serviço seu estás em dívida [para com ele]: Deus, no entanto, como que o subestabelece em Seu lugar, [...]. No entanto, é a imagem de Deus, pela qual se te recomenda [ele], a que te ofereças [a ti próprio] e a tudo que tens.¹¹⁰⁵

¹¹⁰¹ TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. São Paulo: ASTE, 2000, p. 269.

¹¹⁰² *Ibidem*, p. 269.

¹¹⁰³ *Ibidem*, p. 269.

¹¹⁰⁴ *Institutas*, livro III, cap. 19, seção 14.

¹¹⁰⁵ *Institutas*, livro III, cap. 7, seção 6.

Nilo Agostini fala-nos, também, da grandeza dessa ética, que busca o resgate da alteridade, sendo esta um dos grandes desafios na pós-modernidade. Alteridade significa a dinâmica do *saber ouvir* para a práxis do *saber servir*.¹¹⁰⁶ O cristão deve valorizar a sua vida, o seu tempo, o seu corpo, o seu trabalho como meio de sobrevivência e de serviço em prol da coletividade.

O princípio escriturístico da liberdade cristã está no exercício de sair de si mesmo e envidar todo esforço do nosso ser ao serviço de Deus, que, na verdade, é a construção do Seu Reino através da sociedade provisória, a Igreja, segundo a linguagem de Calvino. Tal serviço consiste não apenas a obediência à Palavra de Deus e submissão ao Espírito Santo, mas também o desempenho dos dons recebidos em benefício do próximo. Diferentemente dos filósofos que ensinam que devemos seguir apenas a razão, como instrumento de governo da vida, Calvino declara que “a filosofia cristã pretende que a razão ceda e se afaste, para dar lugar ao Espírito Santo”.¹¹⁰⁷

Torna-se imperativo no contexto da pós-modernidade resgatar a consciência ético-cristã acerca da vocação de cada servo de Deus, a fim de que não sejamos absorvidos pela cultura atual, que valoriza desenfreadamente a busca constante das opções oferecidas. Ao contrário, saibamos ordenar nossa conduta pela via da vocação que Deus deu a cada um de nós. Portanto, é no exercício de nossa vocação que encontraremos o caminho da liberdade.¹¹⁰⁸

Biéler, percebendo a importância do papel da Igreja na sociedade, declara que as relações sociais naturais sofrem substancial transformação pela presença da Comunidade Cristã, resultado da obra regeneradora na vida de cada cristão. Vejamos suas próprias palavras:

A obra de regeneração realizada por Jesus Cristo, manifesta-se no aparecimento de novas relações sociais entre os homens. É na Igreja que a ordem primitiva da sociedade, tal qual havia Deus estabelecido, tende a ser restaurada.¹¹⁰⁹

¹¹⁰⁶ Ibidem, pp.42-44.

¹¹⁰⁷ *Institutas*, Edição Especial, Vol. IV, p. 184.

¹¹⁰⁸ *Institutas*, Edição Especial, Vol. IV, pp. 224,225. Cf. CALVINO, João. **A Verdadeira Vida Cristã**, op. cit., p. 77.

¹¹⁰⁹ BIÉLER, A. op. cit., pp. 335,336. “Tem-se, por muito tempo, debatido a questão de saber se a *ordem natural* de que se percebem traços no mundo de hoje, após a Queda, era a ordem da criação, ou se decorria ela de uma ordem estabelecida posteriormente, a ordem de conservação, que Deus teria instituído após a Queda para manter a vida humana e impedir que o mundo se precipite no caos a que o arrasta o poder destrutivo do pecado. De fato, porém, a ordem natural não pode ser reconhecida agora senão a partir da ordem que Cristo restabelece entre os homens; não podemos

5.6 Impactos de uma Teologia Libertária na Sociedade

Para o reformador de Genebra, a restauração da sociedade tem seu início no seio da Igreja, estendendo-se à sociedade, alcançando suas mais diferentes áreas através de uma prática cristã autêntica, disciplinada e voltada para a glória de Deus e expansão do seu Reino entre os homens dependentes da graça salvadora e libertadora de Jesus Cristo.

A concepção reformada acerca da ação do ser humano no exercício de sua cidadania é extremamente interessante pelo fato de que a visão calvinista recuperou a idéia de santidade em toda atividade humana, considerando-a legítima. O pano de fundo é o fato de que o homem restaurado realiza a vontade de Deus através de todas as suas atividades, servindo ao Pai e ao próximo, uma vez que Deus distribuiu uma diversidade de dons entre os homens, possibilitando a multiplicidade de funções que beneficiam a todos.

Em resposta ao chamado de Deus ou à sua vocação, entende-se, por um lado, que tudo que envolve a vida humana diz respeito à vocação universal de Deus, através da qual a vontade soberana de Deus alcança todas as coisas e sua providência se estende em cada detalhe da vida humana. Por outro lado, compreende-se, também, que a resposta humana é viabilizada pelas chamadas vocações particulares ou específicas. Segundo Kuyper, tudo que o homem realiza, realiza dentro da cultura, servindo-se da cultura e servindo à cultura.¹¹¹⁰ O serviço do ser humano à sociedade tangia sua vocação universal e específica, incluindo também seus bens, pois, segundo o pensamento reformado, todas as coisas são espirituais.¹¹¹¹

saber, fora desta revelação, qual era a ordem social natural primitiva”. Quanto ao debate teológico referente a esta questão, cf. CHENEVIÈRE, Marc. *La pensée Politique de Calvin*. Genève. Editions Labor 1937, p. 91, e CONORD, Paul. *Le Problème d’Une Sociologie Chrétienne*. Paris, 1936, pp. 57-77.

¹¹¹⁰ KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 80.

¹¹¹¹ BIÉLER, André. **O Pensamento Econômico e Social de Calvino**, op. cit., p. 410.

5.6.1 Impacto na Política

A política era um assunto fundamental no período da Reforma, sendo o tema a partir do qual brotavam outras questões fundamentais. Neste sentido, a influência da Reforma foi católica – universal – em seu impacto sobre a vida de toda a sociedade, ainda que majoritariamente a sociedade ocidental. Ainda que a restauração da Igreja seja a meta principal, a glória da obra de Deus, em Cristo, alcançou sua amplitude na direção de todas as esferas da vida humana.¹¹¹²

O impacto das idéias de Calvino, na esfera política, inaugurou uma nova era, pois suas concepções concederam à sociedade uma nova direção à compreensão de nacionalidade, em muitos lugares, e ao cerceamento das idéias despóticas e absolutistas.¹¹¹³ Por exemplo, o estado grego havia sido totalitário e nele a religião era obrigatoriamente um meio para um propósito específico, ou seja, a própria glorificação do Estado.¹¹¹⁴ Já na Idade Média, foi estabelecida a concepção de Igreja-Estado, sendo a suprema autoridade conferida ao Papa, que delegava o poder temporal ao governante terreno para o serviço da Igreja.

Calvino passou a olhar a Igreja e o Estado como entidades interdependentes, cada uma delas recebendo sua própria autoridade do Deus soberano.¹¹¹⁵ Nesta concepção, o Estado nunca é secular, nem estão a Igreja e o Estado separados totalmente, porém recebem sua autoridade do Deus soberano. A democracia atéia e a soberania absolutista não têm por teórico Calvino. Para ele, era fundamental salvaguardar a independência espiritual da Igreja contra as interferências constantes do poder público. Igreja e Estado devem ser autônomos, cada qual cuida dos assuntos pertinentes à sua natureza.¹¹¹⁶

¹¹¹² Ao enfatizar a soberania e glória de Deus em sua obra, Calvino entendia ser ela “certa orientação e ajuda, para saber que deva nela buscar a fim de não vaguear incerta, ao contrário, alcance rota segura que lhe faculte atingir sempre o fim a que a convoca o Santo Espírito”. In.: *Institutas*, livro I, p. 49. Ou seja: a vocação religiosa não se expressa apenas no espectro eclesialístico, mas se manifesta em toda a vida, em todas as esferas vivenciais.

¹¹¹³ Cf. DAVIES, A. Mervn. **O pensamento da Liberdade Americana**, (New York, 1955), que afirma que “Ao vencer o Absolutismo emergente, quando este ameaçava devorar toda Europa, este (i.e., o Calvinismo) tornou possível o surgimento de uma comunidade de homens debaixo da soberania de Deus. Assim, pois, foram postos os fundamentos da nossa liberdade,” p. 24.

¹¹¹⁴ CANTU, Cesare. **História universal**. São Paulo: Ed. das Américas, 1967-1968. p. 121.

¹¹¹⁵ SABINE, George H. **História das Teorias Políticas**. Rio de Janeiro / Lisboa: Editora Fundo de Cultura, 1964. pp. 189-190).

¹¹¹⁶ BIÉLER, André. **O Pensamento Econômico e Social de Calvino**, op. cit., p. 152.

Segundo Calvino, a Igreja e o Estado devem viver em paz e devem cooperar juntos em sujeição à Palavra de Deus. Cada um há de ter sua própria jurisdição. O Estado tem autoridade nos assuntos puramente civis e temporais; a Igreja, nos assuntos espirituais. Calvino aboliu a cláusula da lei canônica do benefício do clero, colocando os associados ministeriais debaixo da autoridade e em obediência aos magistrados em todos os assuntos civis. Os magistrados, muito importantes para Calvino, deviam estar debaixo da jurisdição do consistório nas questões espirituais.

É claro que Calvino pensava num Estado constituído exclusivamente por cidadãos cristãos, porque entendia que a vida individual prospera quando tal fato ocorre, pois é baseada na verdadeira religião. Além disto, Calvino sustentava que a vida social e política são impossíveis quando estão dissociadas da verdadeira moralidade, que é vinculada à verdadeira religião.¹¹¹⁷

Os governantes não têm o direito de fazer leis sobre temas referentes à adoração a Deus e sobre assuntos religiosos; suas responsabilidades não alcançam tamanho grau. Para Calvino, as responsabilidades religiosas estão acima das leis feitas pelos magistrados. Qualquer interferência dos magistrados nas questões religiosas consistiria na diminuição e aviltamento da religião, conduzindo a Igreja ao mesmo paganismo que era marcado, na antiguidade, pela interferência dos filósofos. Por isto, é uma idéia absurda para os magistrados cristãos abandonar os assuntos religiosos ou então fazer destes meramente assuntos humanos.¹¹¹⁸ Calvino desejava que o governo mantivesse as formas públicas da religião entre os cristãos e a conservação da humanidade entre os humanos. As autoridades civis, sendo elas cristãs, devem guardar a verdadeira religião contida na lei de Deus, de ser violada e contaminada pela blasfêmia pública.¹¹¹⁹

¹¹¹⁷ KUYPER, Abraham. Calvinismo. São Paulo. Ed. Cultura Cristã. 2002, pp. 85-92.

¹¹¹⁸ *Institutas*, livro IV, seção 20, 9.

¹¹¹⁹ *Institutas*, livro IV, seção 20, 3.

Em suas idéias sobre a ordem política, é determinante o princípio básico de Calvino da soberania de Deus.¹¹²⁰ Estava fortemente oposto a toda forma de absolutismo estatal, de autocracia e de monarquia absoluta. Os reis e os presidentes deviam ter seu poder limitado por legisladores e pela lei constitucional.¹¹²¹ O Estado é liderado por todos aqueles que são submetidos à aceitação do povo e são aceitos por eles para o desempenho do poder.¹¹²²

Assim, os cidadãos podem, em verdade, recusar a obediência ao governante quando este ordenar qualquer coisa contrária à vontade de Deus, pois é preciso obedecer a Deus antes de obedecer aos homens. Porém, fora deste caso específico, os cidadãos não devem se rebelar contra as autoridades legalmente constituídas. Os cidadãos devem ao governo honra, obediência, serviço militar e outros serviços, além do pagamento de impostos e orações pelo bem dos governantes.

Quanto aos governantes injustos, estes são levantados por Deus para castigar as iniquidades do povo e por isto devem ser obedecidos. O único recurso em tais casos é a oração, para que Deus julgue entre as nações e dê Sua justa retribuição e para que não seja usurpado o direito das viúvas e dos pobres.¹¹²³

Aqui se evidencia outra vez o abrangente impacto da idéia da soberania de Deus na teologia de Calvino. Não somente o governante está debaixo das restrições advindas da soberania de Deus, mas também os cidadãos, que são obrigados a cumprir suas responsabilidades e cumprir suas obrigações por causa de Deus.¹¹²⁴

¹¹²⁰ Ver também DAVIES, A. Mervn, em **O pensamento da Liberdade Americana**, (New York, 1955), que afirma que “Ao vencer o Absolutismo emergente, quando este ameaçava devorar toda Europa, este (i.e., o Calvinismo) tornou possível o surgimento de uma comunidade de homens debaixo da soberania de Deus. Assim, foram postos os fundamentos da nossa liberdade,” p. 24.

¹¹²¹ Para um tratamento mais detalhado do tema da graça comum e da cultura, Cf. BAVINCK, H., “Calvino e a Graça Comum,” *Calvino e a Reforma*, pp. 117- 30, donde Bavinck sustenta que Calvino, apesar de “sua convicção da majestade e caráter espiritual da lei moral,” é mais generoso em seu reconhecimento do que é verdadeiro e bom, onde quer que se encontre, do que qualquer outro reformador.” p. 120.

¹¹²² BIÉLER, André. **O Pensamento Econômico e Social de Calvino**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana. 1990, p. 147.

¹¹²³ *Institutas*, livro IV, seção 20, 1732.

¹¹²⁴ VIGUERIE, Jean de. *L'institution des enfants - L'éducation en France - XVIe - XVIIIe siècle*. Paris: Calmann-Lévy, 1978. 331p. Cf. Viguerie, 1978:42.

Em outras palavras, o que podemos asseverar sobre tal afirmação é que, para o reformador genebrino, qualquer autoridade deve ser acatada na medida em ela permanece fiel a Deus e obediente às Escrituras Sagradas. “Esse ensino de Calvino, segundo Skinner, é o pressuposto fundamental da construção e florescimento da democracia em alguns países da Europa Ocidental, tais como França, Inglaterra e Escócia, só para citar alguns”.¹¹²⁵ Para Calvino, as autoridades são ministros de Deus e como tais devem cumprir a sua vontade, pois são provedores para toda a sociedade¹¹²⁶. Ele afirma:

Por que quanta é a integridade, prudência, clemência, moderação e inocência que deve possuir aquele que se reconhece como ministro da justiça divina? Com que confiança buscarão realizar sua sede de justiça sobre qualquer iniquidade, sabendo que julgam por delegação do trono do Deus vivo? Com que atrevimento pronunciarão sentença injusta com sua boca sabendo que esta foi consagrada para ser instrumento da verdade de Deus?¹¹²⁷

Nessa mesma linha de pensamento, ele ainda faz a seguinte afirmação:

[...] se existirem magistrados do povo, não é parte de minhas intenções proibi-los de agir em conformidade com seu dever de resistir à licenciosidade e ao furor dos reis; ao contrário, se eles forem coniventes com a violência desenfreada e suas ofensas contra as pessoas pobres em geral, direi que tal negligência constitui uma infame traição de seu juramento. Eles estão traindo o povo e lesando – o daquela liberdade cuja defesa sabem ter-lhes ordenada por Deus.¹¹²⁸

¹¹²⁵ GOMES, Antônio M. de Araújo. **O Pensamento de João Calvino e a Ética Protestante de Max Weber, Aproximações e Contrastes**. São Paulo: FIDES REFORMATATA 7/2 (2002), p. 6.

¹¹²⁶ BIÉLER, André. **O Pensamento Econômico e Social de Calvino**, op. cit., pp. 446-450.

¹¹²⁷ CALVINO, Juan. Institución de la religion cristiana. Traducida y publicada por Cipriano de Valera en 1597 por Luis de Usoz y Río en 1858. Nueva edicion revisada en 1967. Países Bajos: Fundacion Editorial de Literatura Reformada, 1967. Livros I e II. p. 1.172.

¹¹²⁸ Ibidem, p. 1.193.

5.6.2 Impacto na Cultura

Embora a separação entre a Igreja e o Estado tenha se realizado em Genebra durante a vida de Calvino, é possível dizer que se converteu em uma realidade histórica devido aos seus labores em instituir a disciplina espiritual na Igreja. A batalha pela jurisdição espiritual do Consistório, com o direito de excomungar, era o ponto focal na disputa travada pelo poder eclesiástico, que foi uma batalha dura e às vezes amarga, que Calvino pelejou com o conselho de Genebra. Isto, segundo Warfield, foi um conflito “travado entre a Igreja e o Estado, que tinha por propósito separar um do outro.”¹¹²⁹ E ainda que todos os filhos espirituais de Calvino não tenham apreciado isto suficientemente, ele queria uma Igreja autônoma em sua própria esfera espiritual.

Este juízo de Warfield se confirma pela pregação de que Calvino também libertou toda a esfera da cultura da tutela da Igreja. Calvino rechaçou o esquema da natureza e graça de Aquino, no qual o mundo está dividido em duas metades, a superior e a inferior, dadas respectivamente ao domínio da fé e da razão.¹¹³⁰ Nesta visão, a graça inclui a religião, a ética, a teologia e a Igreja; porém, a natureza está no âmbito da cultura, incluindo todas as atividades naturais do ser humano. Dando-se conta da inadequação em colocar ambas as esferas no mesmo patamar, estas são colocadas em níveis de importância distintos, estando as atividades naturais postas num âmbito inferior. Aquino e a Igreja colocaram toda a esfera da cultura debaixo da tutela da Igreja, convertendo-se em serva da teologia.

Guilherme de Ockcam, o filósofo nominalista, opondo-se a este senhorio, enfrenta antiteticamente os dois âmbitos, pondo um contra o outro. Ele, na verdade, liberta a arte, a agricultura, o comércio e a indústria do poder papal, e transfere tudo isto às mãos dos duques e reis.

¹¹²⁹ DAKIN, A, op. cit., p. 18.

¹¹³⁰ Calvino compreendeu os efeitos radicais da queda, inclusive o efeito noético do pecado, que tornou a razão humana incapaz de chegar ao conhecimento da verdade por si mesma (Tt 1,15). E uma vez que a queda é primordialmente uma tragédia ética, a desobediência é a característica de tudo o que fazemos, dizemos ou pensamos. Mas Calvino também compreendeu o sentido radical da redenção em Cristo, que restaura o homem palingeneticamente, em todos os aspectos do seu ser. Deus é o criador do cosmos e das leis que o regem, e não está sujeito às leis cósmicas, nem mesmo às leis da lógica. Cf. Knudsen, *Calvinistic Philosophy*, 8-9.

Desta forma, converteu-se em pai de uma concepção da cultura controlada pelo Estado, sendo o primeiro filósofo moderno a conceder abertura àquilo que se transformou posteriormente na base filosófica do totalitarismo.¹¹³¹

Agora, Calvino proclamou junto à Igreja e o Estado, uma terceira dimensão, uma área da vida que teria existência e jurisdição separada. É chamada de “*adiáphora*”, ou seja, as coisas referentes à mente, à consciência. O tribunal da consciência é o lugar onde a moral prospera. E a mente é o local onde nenhum rei ou soberano humano pode governar, exceto Deus, que conduz o cristão à obediência.

Esta área não está restrita a uns poucos assuntos insignificantes de gosto e opinião entre os indivíduos, mas inclui a música, a arquitetura, o conhecimento técnico, as ciências, as festividades sociais e questões de todos os dias. Além de apresentar, em suas doutrinas, as dimensões da Igreja e do Estado, Calvino apresenta a liberdade cristã na dinâmica vivencial, da vida interior do ser humano, sendo este responsável de prestar contas somente a Deus em sua consciência.¹¹³² Portanto, esta doutrina da liberdade cristã se constitui uma das pedras fundamentais da filosofia cultural de Calvino.¹¹³³

A liberdade cristã, como base da vocação cristã consiste, segundo Calvino, no apêndice da doutrina da justificação, pois sem ela não pode haver “o correto conhecimento de Cristo ou da verdade evangélica, ou da paz interna da mente”.¹¹³⁴ Porém, quando se menciona esta doutrina, reações inapropriadas ocorrem, segundo Calvino, devido às características das pessoas pois que, “debaixo do pretexto da liberdade, abandonar toda obediência a Deus, precipitando-se na mais desenfreada libertinagem; e alguns, supondo ser ela subversiva a toda a moderação, estabelecem distinções morais.”¹¹³⁵

¹¹³¹ DE LIBERA, Alain, **A Filosofia Medieval**, p. 430.

¹¹³² Esta consciência é fruto da ação do Espírito. No comentário do Salmo 73:23, Calvino declara o papel do Espírito na preservação dos eleitos. Ele diz “a razão de não sucumbirmos, mesmo entre os severos conflitos, nada mais é que, recebemos o cuidado do Espírito Santo. Realmente, Ele nem sempre põe sobre nós o Seu poder de um modo evidente e notável, (pois Ele nos aperfeiçoa em nossa fraqueza), mas é suficiente que Ele nos socorra, ainda que sejamos ignorantes e inconscientes disto, que Ele nos sustenta quando nos humilhamos, e ainda nos levanta quando caímos” (John Calvin, *in loci*, The Works of John Calvin. In.: Ages Digital Library).

¹¹³³ Para Calvino, a liberdade espiritual do cristão não suprime os tribunais, as leis e os governadores, e é perfeitamente consoante com o serviço civil (*Ibid.*, IV, 20, 1).

¹¹³⁴ *Institutas*, livro III, p. 19.

¹¹³⁵ *Institutas*, livro III, capítulo 3.

Estas são as reações do mundano e do asceta. Calvino se opõe igualmente a estes males, à mundaneidade e à fuga do mundo. Sem dúvida, isto o converte num neutralista, não no sentido de que não assume uma posição definida, mas opondo-se rigorosamente a estes dois extremos.

Está claro, na sua abordagem da essência da liberdade cristã, que esta é espiritual. Consiste na liberdade em relação à escravidão da lei e a restauração da obediência voluntária à vontade de Deus, fruto da oferta de sua graça, na pessoa de Jesus Cristo, que insere o homem numa relação de aliança com Deus. Posto que o ser humano esteja livre da lei, como instrumento de salvação ou condenação, a resposta à graça de Deus é a obediência vinculada à nova adoração ao Deus de toda graça e à alegria em servir.¹¹³⁶ A liberdade consiste num caminho de fé, marcada pela virtude. Porém, as mentes ainda servas que se inclinam para as luxúrias e demais obras reprováveis, não têm parte na liberdade que Deus concede aos seus filhos.¹¹³⁷

Entretanto, se todo o esforço cultural é possível devido à liberdade, porém, pode se converter em prejuízo, dependendo da fé de cada um, pois tudo o que provém de fé consiste em um ato benéfico e positivo. E tudo o que não está edificado sobre a fé consiste em pecado. Toda a cultura apóstata é egoísta, por ser baseada nas concepções de que o ser humano pode ser salvo pelos próprios méritos e acaba exaltando a glória humana que, para Calvino, não existe por si, mas só pode ser dada por Deus. Porém, a doutrina da justificação pela graça mediante a fé, com seu apêndice na liberdade cristã, faz o ser humano livre para servir a Deus em seu chamado cultural.¹¹³⁸

¹¹³⁶ Cf. Institutas, op. cit., p. 230.

¹¹³⁷ A doutrina da expiação reflete isto, segundo Calvino: “Para um sacerdote, cuja função era apaziguar a ira de Deus, socorrer os desventurados, restaurar os caídos, libertar os oprimidos, seu primordial e extremo requisito era demonstrar misericórdia e criar em nós tal senso de comunhão. Pois é muito raro que aqueles que sempre vivem afortunadamente simpatizem com os sofrimentos alheios. O Filho de Deus não tinha necessidade de passar por alguma experiência a fim de conhecer pessoalmente a emoção da misericórdia. Entretanto, Ee jamais nos teria persuadido de sua bondade e prontidão em socorrer-nos não fosse Ee provado pelos nossos próprios infortúnios. Fiel significa verdadeiro e justo. É o oposto de um impostor ou alguém que não cumpre o seu dever. A experiência de nosso infortúnio faz de Cristo Alguém tão pleno de compaixão, que o move a implorar o auxílio divino em nosso favor. Que mais podemos desejar? Para fazer expiação por nossos pecados, Ele se vestiu de nossa natureza, para que pudéssemos ter, em nossa própria carne, o preço de nossa reconciliação. Em uma palavra, para que pudesse nos levar consigo, para dentro dos Santos dos Santos de Deus em virtude de nossa comum natureza.” Cf. Hebreus, op. cit., pp. 78-79.

¹¹³⁸ Enquanto Zwinglio estabeleceu os primeiros fundamentos religiosos, seu trabalho foi continuado e aperfeiçoado pelo seu sucessor em Zurique Henrique Bullinger (1504 - 1575) e por João Calvino, em Genebra, os quais uniram os dois caminhos religiosos de Zurique e Genebra à

Kuyper, em suas *Conferências Stones*, assinala este ponto quando recorda que a liberdade do ser humano, após a mentalidade medieval, consistia em ganhar a salvação pelas obras, e isto possibilitou a emergência do mundo moderno com suas ciências, indústrias e inventos.¹¹³⁹ Porém, a ênfase de Calvino sobre o uso apropriado dos bens deste mundo tornou possível o pensamento de que, aqueles que são cristãos, são agentes culturais que têm domínio sobre a terra e devem exercer este domínio de forma consciente para poder expressar em sua vida a verdadeira vida em liberdade, usando-a para glória de Deus.¹¹⁴⁰

Calvino sustenta que a vocação de todo ser humano é concedida por Deus, da qual se deriva uma consolação peculiar, ou seja, que “não há obra alguma tão humilde e tão baixa que não resplandeça diante de Deus, e será muito preciosa em sua presença.”¹¹⁴¹ Com isso em mente, consideremos agora algumas das contribuições de Calvino no campo da economia.

5.6.3 Impacto na Economia

Quando pensamos na influência da Igreja nas esferas da vida, o sistema calvinista torna-se imprescindível para o nosso tempo, visto que, na sua concepção, a vocação da Igreja possui uma dimensão integral. Não poderia ser diferente sua visão acerca do mundo econômico, ou seja, para Calvino, o uso cristão dos bens tem a ver com a forma como ordenamos a vida, visto que “se temos que viver, também precisamos utilizar os recursos necessários à vida”.¹¹⁴²

salvação, ou seja, o Zwinglianismo e o Calvinismo, e estabeleceram a base comum da confissão calvinista na Suíça: a Confessio Helvetica (prior,) de 1536, o Consensus Tigurinus, de 1549 e, afinal, a Confessio Helvetica (posterior), de 1566. Nestas está presente a idéia da justificação que encaminha o homem ao seu chamado cultural. Cf. Locher, p. J 91-94. LOCHER, G.; ZWINGLI, W. Und die schweizerische Reformation [= Z. e a Reforma na Suíça] ihrer Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1982. (Die Kirche in ihrer Geschichte, v. 3).

¹¹³⁹ KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. As seis palestras dadas por Kuyper constituem a referida obra traduzida para o português, pelo Dr. Ricardo Gouvêa.

¹¹⁴⁰ KUYPPER, Abraham. **Calvinism**: Six Stone Foundation Lectures, (Grand Rapids, 1943), pp. 117-130.

¹¹⁴¹ *Institutas*, livro III, 10, 6.

¹¹⁴² *Institutas*, Edição Especial, Vol. IV, p. 218.

Nesse sentido, o reformador genebrino estabelece o princípio da mordomia cristã, ou seja, cada cristão é um administrador dos recursos dados por Deus, como frutos de sua misericórdia, a quem devemos prestar contas no devido tempo, bem como ter a consciência de que o que temos não nos pertence, pois tudo pertence a Deus.¹¹⁴³

Assim, do ponto de vista do mundo da economia, chama-se ciência da economia porque ela estuda a satisfação das necessidades físicas, em busca do bem-estar material do ser humano, tanto como indivíduo, quanto na dimensão da sociedade.¹¹⁴⁴

Calvino tem muito a dizer em todos os seus comentários sobre este amplo tema, já que os seus sermões estão repletos de referências sobre as necessidades físicas do ser humano. O elemento particularmente notável acerca da pregação de Calvino sobre questões econômicas é seu caráter existencial, ou seja, grande parte do que diz está vinculado a situações concretas. Calvino, por exemplo, não somente condena a mendicância, mas também admoesta os crentes a tratarem de forma amorosa e bondosa aqueles que foram submetidos a tal situação vexatória.¹¹⁴⁵

Três temas chamam nossa atenção quando se mede o impacto econômico das idéias e práticas de Calvino em Genebra, principalmente no tocante às questões referentes à renda, quando cruzadas às idéias primitivas de comunismo.¹¹⁴⁶

¹¹⁴³ *Institutas*, Edição Especial, Vol. IV, p. 223.

¹¹⁴⁴ “Pela gratuita misericórdia de Deus a vontade é convertida ao bem, e convertida, persevera nEle. Que, quando a vontade do homem é guiada ao bem, e que, depois de ser encaminhada, seja também constante nEle, tudo isto depende unicamente da vontade de Deus, e não de algum mérito seu” (Institución, vol II.3.14, p. 213).

¹¹⁴⁵ Sermões, Deut. 15:1112; 26:16). Ver também P. A. Diepenhorst. *Calvijn en de Economie*, (Wageningen, 1904). O que segue no texto é um extrato da dissertação do Dr. Diepenhorst, que consultou as obras de Calvino no Corpus Reformatorum. Apesar das referências nos sermões e nos comentários, a teoria de Calvino sobre este assunto é apresentada em seu Concílio.

¹¹⁴⁶ Calvino entende que o uso das benesses da criação é válido. Ele afirma: “Prescindamos, pois, daquela inumana filosofia que não concede ao homem o uso das criaturas de Deus que é estritamente necessário, e nos priva sem razão do lícito fruto da liberalidade divina, e que somente pode ter aplicação despojando o homem de seus sentidos e reduzindo-o a um pedaço de madeira.” (Institutas, livro III, 10, 3).

A proibição da existência de rendimentos foi um dos fatores mais importantes da vida econômica da Idade Média. Esta proibição estava sustentada pela Escritura.¹¹⁴⁷ Ainda no século dezesseis, essa era a opinião comum, da qual não se desviaram nem reformadores e nem humanistas.

Portanto, em primeiro lugar, Calvino se tornou exceção à regra. Ainda que tenha percebido os perigos que a prática da usura e da ilegalidade econômica trariam para o seu tempo, ele proibiu que isto fosse impedimento para desenvolver concepções bíblicas para a utilização de recursos financeiros.¹¹⁴⁸ A autoridade da Palavra e a liberdade cristã foram o binômio a partir do qual Calvino estabeleceu novos critérios para a vida econômica.

O que é ainda mais significativo é a afirmação de que Calvino defende o lucro e a exploração dos recursos, a fim de torná-los ainda mais produtivos. Nesse aspecto, Calvino refuta a idéia de Aristóteles de que o dinheiro é improdutivo e assinala as inúmeras possibilidades quando utilizado na indústria, visando ao bem-estar social. No entanto, enfatiza que os recursos financeiros devem servir ao pobre, a quem devemos emprestar sem esperar devolução.¹¹⁴⁹ Em resumo, Calvino distingue entre a caridade cristã e os negócios, o que abriu as portas para grandes investimentos no comércio e na indústria.¹¹⁵⁰

Por isso, Calvino recebeu louvor, no tocante a esta marca da sua teologia, por parte de muitos economistas.¹¹⁵¹ Além dos economistas, sociólogos, como Max Weber, seguido por R. H. Tawnee, dão crédito a ele por estabelecer os fundamentos das modernas relações capitalistas.¹¹⁵² Não há razão para negar ou depreciar esta conexão, já que é inegável que o espírito do capitalismo está de fato invariavelmente ligado aos preceitos calvinistas, com sua elevada consciência ética e sua cautela contra o abuso da liberdade, responsável pelos excessos do duro individualismo do século XIX, ainda que produzisse o fortalecimento do conceito de liberdade religiosa, que culminou, também, no fortalecimento das concepções de liberdade política.

¹¹⁴⁷ Cf. Lucas 6:35; Deut. 23:19; Salmo 15 etc.

¹¹⁴⁸ DIEPENHORST, P. A. *Calvin en de Economie*, (Wageningen, 1904), p. 123.

¹¹⁴⁹ Comentários, sobre Êxodo 22:25; Lev. 25:25-28; Deut. 23:19, 20.

¹¹⁵⁰ BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*, op. cit., pp. 215-220.

¹¹⁵¹ DIEPENHORST, P. A. op. cit., pp. 139, 153-71.

¹¹⁵² *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (New York, 1931) 2 vols. *A Religião e o Surgimento do Capitalismo*, Holland Memorial Lectures, 1922, (Penguin Books, Inc. New York).

A comunidade influenciada pelo calvinismo era marcada pelo senso de cooperação mútua e pela busca do bem comum. Ainda que Calvino desse ênfase ao indivíduo no sentido de apreciar e estimular a personalidade, ele falou menos disto do que da vida comunitária da Igreja e do Estado.¹¹⁵³

Neste aspecto, Weber analisa não a teologia de Calvino propriamente, mas os escritores puritanos como sua fonte, já que a idéia individualista e materialista da obtenção da segurança da salvação por meio das boas obras não se encontra no reformador de Genebra.¹¹⁵⁴ Um exemplo disso foi a resistência dos ministros de Genebra, que inequivocamente se opuseram à proposição dos mercadores em estabelecer um banco na cidade em 1580. Os ministros usaram o argumento de que não queriam que Genebra se tornasse um lugar forte a partir da pobreza alheia.

Em segundo lugar, é necessário considerar o conceito calvinista da vocação para o comércio em particular. Os comerciantes, durante a Idade Média, eram considerados uma classe estéril, enquanto a agricultura era exaltada e os agricultores, tidos em maior estima.¹¹⁵⁵

¹¹⁵³ Calvijn *Als Mensch En Hervormer*, pp. 122-125.

¹¹⁵⁴ Calvino afirma que “é uma notável e brilhante prova de seu inestimável amor, que o Pai não hesitou em entregar seu Filho para a nossa salvação.” Ver Romanos, p. 300. A implicação disto é “porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas”. Para Calvino, não há lugar para as boas obras naquilo que é fundamental para garantir a salvação, já que Cristo foi-nos dado como meio revelador do amor de Deus (Jo 1:14; 3:16; Hb 1:3). A obra realizada por Cristo, foi realizada em nosso favor, e em nosso lugar, como também uma dádiva graciosa para desfrutarmos (Rm 5:10). Se em Cristo, o Pai reconciliou-nos com Ele, afirmar a eficácia das boas obras seria perder toda a obra do seu amado Filho. Calvino ainda afirma: “quando o cristão olha para si mesmo, ele não vê motivo para ansiedade, na verdade, nenhum desespero; mas, visto que ele foi chamado à comunhão com Cristo, então não pode pensar de si mesmo, no tocante à segurança da salvação, de nenhuma outra forma senão como membro de Cristo, fazendo, assim, suas todas as bênçãos de Cristo. Dessa forma, ele se assegurará da esperança da perseverança final (como é chamada) como algo garantido, caso ele se considere um membro de Cristo, Aquele que jamais pode falhar.” (In: comentário de I Coríntios, p. 40).

¹¹⁵⁵ Nisbet, em seu sugestivo livro “História de la idea de progreso”, assinala a etimologia da palavra progresso citando trecho do poeta latino Lucrécio, no qual o autor de “De Natura Rerum” (Sobre a natureza das coisas) fala a respeito da evolução técnica e cultural: E a navegação, a agricultura, a construção de paredes, a invenção das leis, e as armas, as estradas, os vestidos e toda classe de invenções semelhantes, e também todas as que não proporcionavam senão gosto, a canção, a pintura, e a escultura, foram inventadas à força de experiências, de necessidade e de dedicação. E assim, pouco a pouco, avançando passo a passo (“pedetentim progredientes”) (grifo meu) as foram aprendendo e melhorando. Deste modo, o tempo, pouco a pouco, provoca os descobrimentos das coisas, que a razão eleva à luz. Viram, pois como as coisas, umas após outras, iam tornando-se mais claras em suas mentes, até que graças ao seu engenho chegaram ao mais alto nível. In.: NISBET, Robert. História de la idea de progreso. Barcelona: GEDISA, 1981, p. 71). Nesta citação, percebe-se que o progresso está vinculado ao desenvolvimento agrícola e da proteção das terras.

Calvino não estima em demasiado uma, em detrimento da outra.¹¹⁵⁶ Sobre o comércio, afirmou Calvino, que este não levou à queda de Tiro, mas apenas ao deleite excessivo em relação às coisas mundanas. A Babilônia não foi condenada pelo reformador por causa da sua prosperidade e luxo produzidos pelo comércio, mas pela arrogância e orgulho.¹¹⁵⁷

Indubitavelmente, as idéias de Calvino sobre os limites e liberdades no comércio refletiram na evolução das relações econômicas do seu tempo. Porém, foi especialmente sua compreensão de que toda vocação é uma honraria concedida por Deus, que consiste no fundamento da sua apreciação pelos comerciantes.¹¹⁵⁸

Desde que a Igreja havia glorificado o martírio e posto seus olhos em direção às realidades celestes, o trabalho havia sido depreciado, apontado como tendo uma natureza inferior, mundana.

A perfeição cristã há de ser buscada dentro da vocação cristã, jamais fora dela. Calvino não rechaça totalmente a concepção de perfeição cristã, mas afirma que a busca desta acaba tornando as pessoas facilmente inclinadas às superstições.¹¹⁵⁹ Isso ocorre quando fazemos uma obra, crendo ser ela necessária ou imprescindível para a salvação.

¹¹⁵⁶ Cf. Comentários sobre Oséias 12:8; Gen 47:19-23; João 2:16b; Isa. 23:2.

¹¹⁵⁷ Comentários sobre Isaías 47.

¹¹⁵⁸ Um exemplo: Babilônia não foi condenada pela prosperidade e luxo produzidos pelo comércio, mas pela arrogância e orgulho. Cf. Comentário sobre Isaías, p. 47.

¹¹⁵⁹ Calvino entende que a perfeição não pode ser alcançada por méritos humanos, já que Jesus é o único que é perfeito e apresenta perfeitamente Sua vida em nosso favor. Ele afirma: “Para um sacerdote, cuja função era apaziguar a ira de Deus, socorrer os desventurados, restaurar os caídos, libertar os oprimidos, seu primordial e extremo requisito era demonstrar misericórdia e criar em nós tal senso de comunhão. Pois é muito raro que aqueles que sempre vivem afortunadamente simpatizem com os sofrimentos alheios. O Filho de Deus não tinha necessidade de passar por alguma experiência a fim de conhecer pessoalmente a emoção da misericórdia. Entretanto, Ele jamais nos teria persuadido de sua bondade e prontidão em socorrer-nos, não fosse Ele provado pelos nossos próprios infortúnios. Fiel significa verdadeiro e justo. É o oposto de um impostor ou alguém que não cumpre o seu dever. A experiência de nosso infortúnio faz de Cristo Alguém tão pleno de compaixão, que O move a implorar o auxílio divino em nosso favor. Que mais podemos desejar? Para fazer expiação por nossos pecados, Ele se vestiu de nossa natureza, para que pudéssemos ter, em nossa própria carne, o preço de nossa reconciliação. Em uma palavra, para que pudesse nos levar consigo, para dentro dos Santos dos Santos de Deus em virtude de nossa comum natureza.” João CALVINO – **Exposição de Hebreus**, 1997, pp. 78-79.

Calvino rechaçou a cruel e inumana filosofia dos estóicos no que defendia e apreciava os prazeres sensuais e mentais ordinários da vida. Para ele, pecado não residia na matéria, senão que tem seu assento no coração. O mal não está no mundo formado de cores, sons, alimentos, bebidas ou vestes, concedidas pela bondade de Deus, mas está no abuso e exagero, na libertinagem desenfreada. A santidade não se alcança por se evitar certos benefícios e prazeres ou por rechaçar os dons de Deus, mas por aceitá-los pela fé e usá-los para a sua glória e para a edificação da Igreja.¹¹⁶⁰

Finalmente, é apropriada uma palavra a respeito da atitude de Calvino concernente ao comunismo. Naturalmente, não é possível usar este termo segundo a concepção desenvolvida por parte dos teóricos socialistas e comunistas do século XIX. Nos dias de Calvino, é possível encontrar uma comunidade de bens apoiada por alguns anabatistas e pelos libertinos. Os primeiros negavam a graça comum e a autoridade final da Palavra.¹¹⁶¹

Para concluir estes comentários acerca da influência de Calvino no campo da economia, é necessário observar que Calvino estava profundamente interessado na justiça social.¹¹⁶² Quando se afirma que ele tenha introduzido o socialismo em Genebra, esta afirmação se baseia no fato de que ele

¹¹⁶⁰ Cf. Sermões sobre Deut. 11:15; 12:15; 22:5; ver também comentários sobre I Sm. 25:26-43; Amós 6:4; Tiago 5:5; Isa. 3:16; e muito mais sobre este mesmo tema nas *Institutas*, op. cit., vol. III, 19, 9, 10; III, 10.

¹¹⁶¹ Os anabatistas surgiram nos cantões suíços como consequência importante do debate, de onde surgiram conflitos entre Zwínglio e os seus partidários radicais, como Conrado Grebel (1498 - 1526), que não somente defendeu uma separação clara da Reforma e da autoridade secular, mas também realizou, em janeiro de 1525, o primeiro batismo de um adulto no cantão de Zurique e iniciou, dessa maneira, o movimento dos anabatistas suíços. A partir desses dois debates religiosos, uma multiplicidade de reformas referindo-se a todas as áreas do Estado e da sociedade foi realizada na cidade. O próprio Zwínglio defendeu a sua posição em diversos escritos novos, entre eles a sua obra principal de 1525 com o título *De vera et falsa religione [...] commentarius* [Comentário sobre a verdadeira e a falsa religião]. In: *Zwingli: Schriften*. Vol. 3, pp. 31-452. para os anabatistas, também conhecidos como representantes da reforma radical, a disciplina tinha um caráter quase sacramental e radicalizaram, à semelhança dos puritanos ingleses, a teologia luterana do sacerdócio universal de todos os crentes, que rompia com toda hierarquia clerical, a favor do livre-exame da Escritura e da liberdade da consciência. (HILL, C. *Intellectual Origins Of English Revolution: Revised Edition*). A versão brasileira, publicada pela Companhia das Letras, é baseada na antiga edição inglesa. Nessa nova edição revisada, Hill destaca a influência de Tyndale na formação intelectual da revolução inglesa, citando como fonte deste novo entendimento sua biografia escrita por David Daniell. Hill entende que Tyndale lançou bases para a contestação política puritana durante o reinado de Charles I. Cf. HILL, C. *O Eleito de Deus*. Companhia das Letras). Soma-se a estas características a idéia de que os cristãos não estavam sujeitos à obediência ao governo civil, tese esta combatida por Calvino (*Institutas*, livro IV, xx, 5).

¹¹⁶² Calvino sempre se mostrou preocupado com a situação do próximo, sobretudo os desprivilegiados e os pobres. Sobre isto, afirma Wallace: “Do púlpito, ele muitas vezes saía de seu estilo para incitar a consciência de seus ouvintes sobre seu dever para com os desprovidos financeiramente ao seu redor. Quando ele pregava sobre a proibição do Antigo Testamento de

[...] emprestou o talento de sua mente e conhecimento legal para uma codificação das leis da cidade, e para o melhor ajuste de seus impostos [...]. A saúde da cidade era a melhor por sua ajuda na construção de hospedarias e hospitais. Interessou-se nos métodos de calefação e de proteção contra os incêndios; graças a ele foi reavivada a indústria de tecelagem.¹¹⁶³

Doumergue afirma que “ao reabilitar o trabalho artesanal e ao prescrever a educação para todos, Calvino diminui, em grande medida, as distinções de classe na sociedade.”¹¹⁶⁴ Sem dúvida, ainda que possamos reconhecer que Calvino não estava oposto à legislação social, seria um abuso falar de seus esforços para estimular a empresa e a iniciativa privada, significando literalmente o socialismo. Calvino não era um coletivista em nenhum sentido da palavra.¹¹⁶⁵

Finalizando este ponto, encontramos nas palavras de Biéler uma excelente afirmação contra qualquer tentativa de atribuir a Calvino a responsabilidade primeira de ser ele o pai do capitalismo. Vejamos:

Pelo fato de que outorgava à fé o campo inteiro da atividade humana, que o cristão deve submeter ao senhorio de Cristo, conferiu Calvino, incontestavelmente, ao trabalho, ao labor econômico e ao dinheiro, um lugar que não tinham até então e que devia permitir aos calvinistas aí engajar todas as virtualidades humanas e sociais.¹¹⁶⁶

despojar o devedor pobre de um penhor insuportável por seu débito, ele falava em voz alta que pode ser ouvida hoje como um reclamo de que nenhuma sociedade deve privar qualquer homem da oportunidade de trabalhar para seu sustento.” In.: WALLACE, Ronald. Calvin, Geneva and the reformation. Grand Rapids: Baker Book House Company, 1990, p. 123.

¹¹⁶³ TAYLOR, Henry Osborn. **Pensamento e Expressão no Século Dezesseis**. (New York, 1920), Vol. I, pp. 423, 424.

¹¹⁶⁴ WALLACE, Ronald, op. cit., p. 142.

¹¹⁶⁵ A Religião foi um fator importante para favorecer ou obstaculizar o desenvolvimento da cidadania. A versão calvinista do protestantismo reforçou o individualismo e favoreceu a cidadania colocando ênfase na sociedade, e não no Estado. Ver: HERMET, G. (1991) “Des Concepts de la Citoyenneté dans la Tradition Occidentale”. *Métamorphoses de la Représentation Politique au Brésil et en Europe*. Paris. Edit. Centre National de la Recherche Scientifique.

¹¹⁶⁶ BIÉLER, André. O Pensamento Econômico e Social de Calvino, op. cit., p. 661.

Diante de tal fato, não podemos afirmar que Calvino foi o pai do capitalismo em sua evolução histórica e como o temos hoje nem podemos negar que sua visão não o fazia prisioneiro de nenhum “sistema fechado de moral econômica e social”.¹¹⁶⁷ Pela capacidade de colocar a fé no exercício integral da vida, por outro lado, o reformador contribuiu para o desenvolvimento de tal sistema, mas sempre sob a soberania de Deus e os princípios do amor e da justiça para com os homens, jamais com suas próprias regras, e ainda dentro do contexto histórico no qual estava inserido.¹¹⁶⁸

¹¹⁶⁷ Ibidem, p. 661.

¹¹⁶⁸ Ibidem., p. 661.

Conclusão

A modernidade e a pós-modernidade se caracterizam pela grande evolução tecnológica, científica, social, cultural, e também pela quebra de grandes paradigmas. O impacto da modernidade sobre a fé foi avassalador, sobretudo, no auge do Iluminismo. Na pós-modernidade, a fé cristã se vê desafiada a integrar sem perder-se, fruto da pluralidade e da subjetividade, do derretimento da própria racionalidade.

Nesse sentido, a Igreja se vê com o compromisso de enfrentar muitos gigantes, entre os quais, ela mesma se constitui em um de seus grandes algozes. Responder a esse tempo, repleto de interpelações, tem sido o grande desafio da Igreja. Neste tempo, proclamado como o tempo da liberdade absoluta, paradoxalmente, do ponto de vista religioso, avistamos certo retorno ao fundamentalismo, até como forma de assegurar sentido de vida, diante da realidade niilista em que se encontra o homem.

É diante desse cenário que a Igreja emerge para estabelecer uma conexão sólida entre a proclamação do Evangelho e a liberdade. A Igreja carrega, no cumprimento de sua vocação, a mensagem libertadora do Evangelho de Jesus Cristo, pela via da inculturação. Portanto, o que enfatizamos neste derradeiro capítulo foi exatamente o resgate daqueles paradigmas contemplados no capítulo terceiro, iniciando com a fundamental importância do querigma libertário, que não apenas liberta o homem, mas a própria Igreja como anunciadora. O querigma à luz das Escrituras não pode ser viabilizado sem os elementos cristológico e soteriológico, desvelando a pessoa do ser humano, como imagem e semelhança de Deus, mas também separado do seu Criador pelo pecado. Posto isso, verificamos o novo homem em Cristo Jesus e as implicações éticas a partir do Evangelho para a sua nova realidade de vida no contexto da pós-modernidade. Por isso, verificamos algumas das influências de uma teologia libertária na sociedade, fruto da ação da Igreja.